

# ORIGEM E ATUAÇÃO DOS FARISEUS NO JUDAÍSMO DO SEGUNDO TEMPLO: UM ESTUDO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO

---

CHANDLER TIAGO DOS S. SANT' ANA<sup>1</sup>

**Resumo:** Os fariseus figuraram como uma das principais seitas do judaísmo do Segundo Templo, tendo participação ativa na vida religiosa e política dos judeus daqueles dias. O presente artigo busca, por meio de pesquisa histórica e arqueológica, discutir o surgimento desse grupo bem como sua relevância no cenário religioso e político do Segundo Templo.

**Palavras-chave:** Fariseus. Judaísmo. Política. Religião.

## ORIGIN AND AGENCY OF THE PHARISEES IN SECOND TEMPLE JUDAISM: A HISTORICAL AND ARCHAEOLOGICAL STUDY

**Abstract:** The Pharisees emerged as one of the main sects of Judaism during the Second Temple period, playing an active role in the religious and political life of the Jews of that time. This article aims, through historical and archaeological research, to discuss the emergence of this group as well as its relevance in the religious and political landscape of the Second Temple.

**Keywords:** Pharisees. Judaism. Political. Religious.

---

<sup>1</sup> Especialista em História e Arqueologia do Antigo Oriente Próximo e Mediterrânea pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Especialização em Antigo Testamento pela Escola Superior de Teologia (EST). Bacharel em Teologia pelo Seminário Adventista Latino Americano de Teologia – Faculdade Adventista da Bahia. Graduando em Estudos Judaicos pelo Seminário Rabínico Latinoamericano Marshall T. Meyer. Contato: chandlertiagosantana@gmail.com

## 1. Introdução

As origens do farisaísmo ainda são amplamente discutidas entre os especialistas devido à relativa ausência de fontes no que tange aos fariseus em seus primórdios. Essa seita desempenhou um papel político-religioso importante no judaísmo do Segundo Templo,<sup>2</sup> exercendo ampla influência entre os governantes e o povo comum. Nossa pesquisa visa a apresentar um panorama histórico e arqueológico do período do Segundo Templo com a finalidade de identificar o momento do surgimento do farisaísmo bem como sua influência.

A Judeia foi objeto de desejo dos grandes impérios por conta de sua localização no corredor siro-palestino. Essa realidade fez com que império após império buscasse dominá-la. Como consequência disso, essa região conheceu diferentes tipos de políticas estrangeiras que mexiam com o povo local. Uma pesquisa que busque compreender a influência dos fariseus na sociedade palestina do Segundo Templo precisa atentar para essas mudanças políticas.

História e arqueologia são ciências interdisciplinares que, por meio de seus objetos de pesquisa, podem nos levar a exibir um retrato adequado do passado (Funari, 2022, p. 85-98). Neste artigo laçaremos mão de documentos históricos disponíveis e da evidência material para reconstruir, na medida do possível, o farisaísmo daqueles dias.

## 2. As Origens do Farisaísmo

As origens do farisaísmo são incertas. Para alguns estudiosos as raízes desse partido devem ser buscadas na época de Esdras e Neemias no século 4º AEC (Strange, 2007, p. 237-238; Schaper, 2008, p. 403-405; Bolotnikov, 2019). Por outro lado, outros sugerem que os fariseus surgiram dos hassidim, um grupo de judeus piedosos do século 2º AEC (Evans, 2002, p. 2; Weiss, 2013, p. 647-648; Scardelai, 2014, p. 90; Murphy, 2008, p. 75).<sup>3</sup> Há uma tendência de se estabelecer a origem dos fariseus nos hassidim, e alguns autores chegam a salientar que fariseus, saduceus e essênios<sup>4</sup> tiveram origem nos hassidim (Gribble, 2008, p. 754-755; Kampen, 2007, p. 12-13). Porém, o suposto vínculo não é nada claro e carece de uma argumentação sólida (Babota, 2021, p. 45-46).

As origens do farisaísmo durante o governo de Jônatas (152 AEC), irmão e sucessor de Judas Macabeus, estão fundamentadas em um texto do historiador Flávio Josefo.

Por esta época havia três seitas judaicas, que tinham opiniões diferentes sobre os problemas humanos: os fariseus, os saduceus e os essênios. Os fariseus diziam que algumas coisas, não todas, são devidas ao destino; outras dependem de nossa vontade, sejam elas cumpridas ou não (Josefo, Antiquidades, 2013, XIII: V. 9).

<sup>2</sup> Judaísmo do Segundo Templo é o período da história judaica que se estende de Esdras até a queda do Templo de Jerusalém no ano 70 EC. Nicholas Wright (2009, p. 20) faz o seguinte comentário sobre esse período: "O judaísmo do Segundo Templo era uma mistura múltipla e vibrante daquilo que hoje poderíamos chamar de religião, fé, cultura e política (ainda que estas distinções não fossem admitidas na época). No entanto, mesmo os elementos conflitantes eram conflitantes sobre as mesmas questões: o que significava fazer parte do povo de Deus, ser fiel à Torá, manter a identidade judaica em face do mundo pagão que invadia de todos os lados e (acima de tudo e na opinião de alguns) esperar a vinda do reino de Deus, do 'século futuro' prometido pelos profetas, da redenção de Israel, esperando que ao raiar aquele dia fosse possível participar da justificação e da bênção futuras."

<sup>3</sup> Para mais detalhes acerca desta visão, ver Saldarini (1988, p. 85-89); Yinger (2022, p. 30-34).

<sup>4</sup> Sobre os saduceus e essênios, ver Sant' Ana e Fridman (2021, p. 79-82).

No entanto, a expressão grega “Κατὰ δὲ τὸν χρόνον τοῦτον, por esta época havia[...]” não indica certeza. Vasile Babota (2021, p. 49) bem argumentou que o texto sugere que nem mesmo Josefo soubesse a origem exata dessa seita. O historiador não tinha nenhuma informação dos fariseus para apresentar para seus leitores até então. Outra complicação em relação às origens do farisaísmo em Josefo é que o historiador, em sua obra *Guerras dos Judeus* (2013, I: V, 2), coloca o aparecimento desse grupo apenas no reinado do asmoneu João Hircano (134-104 AEC). Josefo é amplamente citado, mas em poucos casos se discute a precisão das informações e mesmo das fontes usadas por ele (Mason, 1991, p. 40).<sup>5</sup> Alexei Sivertsev (2005, p. 146-150) bem destacou que as menções de Josefo aos fariseus tanto na época de Jônatas quanto na de Hircano são artificiais. Essas menções são inseridas no texto de forma abrupta, talvez porque o historiador não tivesse as informações; Josefo, nesse caso, teve por fonte Menelau.

Em muitos casos tem se alegado que Josefo era um fariseu por conta de sua autobiografia.

Quando eu tinha cerca de 16 anos, escolhi me especializar nas escolas filosóficas entre nós. Elas são três: a primeira, dos fariseus, a segunda, dos saduceus; e a terceira, essênios, como já dissemos muitas vezes. Dessa forma, pretendia escolher a melhor – se pudesse examiná-las todas. Depois de um esforço considerável, passei pelas três. No entanto, eu não considerei suficiente para mim. Quando descobri que um certo homem pôr nome de Bannus fez sua vida no deserto, tornei-me seu devoto: vestindo roupas feitas de árvores, catando comida que crescia por si mesma e lavando-se frequentemente para purificação – com água gelada, dia e noite! Depois de ter vivido com ele por três anos e assim satisfeito meu desejo, voltei para a cidade. Com dezenove anos, e comecei a me comportar de acordo com as regras da seita dos fariseus, que é mais parecida com a chamada estoica entre os gregos (Josefo, *Life of Josephus*, 1888, 1. 10-12).

No entanto, há uma inconsistência no texto que deixa sérias dúvidas se um dia Josefo foi de fato fariseu. Ele diz que com 16 anos decidiu conhecer as três seitas judaicas, fariseus, saduceus e essênios. Porém, o tempo básico para se tornar um fariseu era de 12 meses, o que é um problema, se considerarmos que, segundo ele, viveu com Bannus no deserto por três anos e com 19 entrou para vida pública. Em outras palavras, se ele passou três anos com Bannus não haveria tempo para nenhuma das demais seitas (Feldman, 2008, p. 901-903).

Steve Mason (2007, p. 31-33) propõe que Josefo não estava falando que fez parte do farisaísmo; na verdade, estava dizendo que passou a viver de acordo com os fariseus quando estava na vida pública. Josefo não fora fariseu, mas, por questão política, teria adotado sua forma de vida para obter apoio da população em geral (Mason, 2001, p. 19-21).

A literatura de Hazal<sup>6</sup> sugere que os fariseus são os sucessores dos homens da Grande Assembleia (*Knésset ha-Gedolá*) do período de Esdras e Neemias.

Moisés recebeu a Torá no Sinai e a entregou a Josué, Josué aos anciãos e os anciãos aos profetas. E os profetas o transmitiram aos homens da grande assembleia. Esses disseram três coisas: 1) seja prudente no julgamento; 2) façam muitos discípulos e 3) faça uma cerca para a Torá (*Perkei Avot*, 1.1).<sup>7</sup>

<sup>5</sup> Para um estudo abrangente sobre os fariseus em Josefo, ver Steve Mason (1991).

<sup>6</sup> O acrônimo חז"ל, Hazal vem de חכמינו זכרונם לברכה, nossos sábios de bendita memória. Essa expressão se refere aos rabinos do período talmúdico (3º séc. AEC a 6º século EC). A literatura de Hazal é uma expressão técnica para “literatura rabínica”.

<sup>7</sup> Todas as citações da Mishná seguem a numeração de Neusner (1988).

Sustentar historicamente a alegação rabínica de que os fariseus são os homens da Grande Assembleia ou herdeiros do que um dia foi iniciado por eles parece difícil, pois as fontes são escassas (Seltzer, 1990, p. 197). Nossa pesquisa na próxima seção buscará exibir as transformações pelas quais o judaísmo do Segundo Templo passou para compreender onde os fariseus surgem e qual seu protagonismo nesse contexto.

### 3. Em busca do Cenário Histórico em que surgiu o Farisaísmo

Em 605 AEC, o rei babilônico Nabucodonosor invadia Jerusalém pela primeira vez, e muitos israelitas foram levados cativos para a Babilônia (Peetz, 2022, p. 183). Era o início de um cativeiro de 70 anos que mudaria para sempre as estruturas do Israel até então conhecido.<sup>8</sup> John Bright (2018, p. 411) bem observou:

A destruição de Jerusalém e o exílio subsequente marcam a grande linha divisória da história de Israel. De um golpe, sua existência nacional terminou e, com ela, todas as instituições sobre as quais sua vida de corporação se tinha expressado: nunca mais Israel seria recriado precisamente da mesma forma. Com o Estado destruído e, como consequência natural, com o culto oficial supresso, chegara ao fim a antiga comunidade de culto nacional. E Israel se tornara, no momento, um aglomerado de indivíduos arrancados de suas raízes e vencidos, não mais um povo por algum sinal externo.

O cativeiro de 70 anos teve seu fim quando Ciro II conquistou a babilônia em 539 AEC (Heródoto, 2019, I: CLXXXIV-CCI; Reinke, 2021, p. 248-249; 2018, p. 79). Em 1879, Hormuzd Rassam descobriu o chamado Cilindro de Ciro, onde se encontra narrada a vitória do rei persa sobre Nabonido, o rei babilônico e como ele libertou os escravos.<sup>9</sup>

Ciro II tinha uma política de governo muito diferente de Nabucodonosor, e sua tolerância para com os governados foi marcante. Os persas não tinham uma política de opressão, antes permitiam que aqueles que estavam sob seu governo tivessem sua própria política interna desde que fossem fiéis ao império (Nodet, 1997, p. 18-19; Peetz, 2022, p. 202; Hess, 2007, p. 433-435). Essa política levou Ciro II a permitir, em 538 AEC, que os judeus voltassem para Jerusalém e reconstruíssem o Templo e a cidade. Josefo (*Antiguidades*, 2013, XI: I.1) registrou o decreto de retorno:

O rei Ciro diz: Visto que o Deus supremo de toda a terra me constituiu rei, creio que esse Deus é aquele a quem os israelitas adoram. Ele, por meio de profetas, predisse que restauraria seu Templo em Jerusalém, na terra de Judá.<sup>10</sup>

<sup>8</sup> Para um estudo histórico e arqueológico de como viviam os exilados israelitas na Babilônia, ver Antonio Frizzo (2022, p. 217-269) e Douglas Pedrosa (2022, 171-187).

<sup>9</sup> Para mais informações sobre o Cilindro de Ciro, ver Peetz (2022, p. 206-207).

<sup>10</sup> A linguagem desta carta é muito semelhante ao que está no Cilindro; o rei adotava uma postura de respeito as divindades dos povos como uma forma de ganhar o apoio deles. Nas linhas 28-36 do Cilindro é dito: "De [Níniv]e (?), Assur e Susã, Agade, Eshnunna, Zamban, Meturnu, Der, até a região de Gutium, devolvi as imagens dos deuses aos sagrados centros [do outro lado] do Tigre cujos santuários foram abandonados por um longo tempo, e eu os deixei morar em moradas eternas. Reuni todos os seus habitantes e devolvi (para eles) suas moradas. Além disso, sob o comando de Marduque, o grande senhor, estabeleci-os em suas habitações, em moradias agradáveis, os deuses da Suméria e Acádia, que Nabonido, para a ira do senhor dos deuses, trouxera para a Babilônia. Que todos os deuses que estabeleci em seus centros sagrados peçam diariamente a Bel e a Nabu que meus dias sejam longos e que possam interceder por meu bem-estar. Que eles digam a Marduque, meu senhor: 'Quanto a Ciro, o rei que o reverencia, e Cambises, seu filho, [...] um reinado. Eu estabeleci todas as terras em moradas pacíficas'" (PRICE; HOUSE, 2020, p. 167-168).

Três grandes retornos do exílio são descritos em Esdras-Neemias: 1) o retorno inicial, em 537 AEC, sob a liderança de Zorobabel durante o governo de Ciro II; (Ed 1: 8-11); 2) o segundo grupo em 457 AEC, liderado por Esdras no reinado de Artaxerxes I (Ed 7:6-9); e 3) e ainda um terceiro sob Neemias, em 444 AEC, também na época de Artaxerxes I (Ne 2:1-10)<sup>11</sup> (Scardelai, 2012, p. 75-76).<sup>12</sup> Segundo o calendário judaico, o primeiro edito saiu em 537 AEC, pois o ano civil judaico começa em 1 de tisri; o povo sai de Babilônia em direção a Jerusalém provavelmente em sivã (maio/julho) e chega no sétimo mês, isto é, tisri (Ed 3:1). Assim o povo chegou a Jerusalém em 536 AEC (Doukhan, 2017, p. 30-31; Lasor *et al.*, 2002, p. 428).<sup>13</sup>

**Imagem 1** – Geografia do Levante no período da reconstrução de Judá.



Fonte: Reinke (2018, p. 81).

A reconstrução da cidade acontece em um momento complicado, pois os samaritanos que desejavam ajudar na reconstrução foram impedidos. Josefo relata que uma carta foi escrita e enviada para Cambises, sucessor de Ciro II. Segundo Josefo, argumentava-se na carta que, após a reconstrução do Templo e da cidade, os judeus não pagariam mais impostos e colocariam um

<sup>11</sup> As citações bíblicas serão feitas da Bíblia de Jerusalém (2002).

<sup>12</sup> Para um estudo histórico e arqueológico da cronologia dos reis persas, ver Gertoux (2016).

<sup>13</sup> Esdras exortou o povo a não ter relações com esses; é nesse contexto que surge o termo *judeu* como uma forma de se referir ao reino do sul, isto é, desse momento em diante judeu passa a ser uma nomenclatura distintiva (Reinke, 2021, p. 260).

rei de sua preferência para governar. Quando Cambises tomou conhecimento do conteúdo dessa epístola ordenou que fossem cessados os trabalhos em Jerusalém. Após isso, um escriba e seus associados foram até Jerusalém; eles também levaram consigo uma grande companhia e proibiram os judeus de construir a cidade e o templo (Josefo, *Antiguidades*, 2013, XI: II. 1). Assim, essas obras foram impedidas de continuar até o segundo ano do reinado de Dario, por mais nove anos; pois Cambises reinou seis anos e, naquele tempo, derrubou o Egito e, quando voltou, morreu em Damasco. Anos mais tarde, em meados de 515 AEC, o Segundo Templo fica pronto (Josefo, *Antiguidades*, 2013, XI: IV. 1-9; Schama, 2015).

Com a cidade e o Templo reedificados era necessário reorganizar as próprias estruturas da religião. O rabino Ernesto Yattah (2021) observou em uma aula que uma coisa era a religião de Moisés e outra era o judaísmo. Nesse sentido Esdras foi sobremodo importante, e não é por acaso que ele é considerado o fundador do judaísmo.<sup>14</sup> Acerca de Esdras o que interessa nesta pesquisa é sua dupla função de *sacerdote e escriba*, pois esse status representa uma inovação importante. Afinal, Esdras era um dos importantes líderes da Grande Assembleia (Bartenura, 1482).

Esdras fora treinado na Pérsia, e essa função lhe deu prestígio perante o rei e seus contemporâneos. Jonh Walton (2018, p. 623) explica:

Na Pérsia e na Mesopotâmia, o escriba era uma espécie de comissário encarregado da manutenção da lei e da ordem, mas no mundo antigo, de modo geral, essa função era mais abrangente. Os escribas deveriam conhecer e dominar as diversas línguas conhecidas da época, saber escrever textos (cópias, ditados ou composições), conhecer a literatura tradicional, a literatura internacional (particularmente a literatura de sabedoria) e saber interpretar essa literatura (talvez até mesmo literatura legal ou ritual). Assim, em Israel, os escribas eram especialistas na Lei de Moisés. Uma de suas principais obrigações era estudar as Escrituras. Os escribas se tornaram extremamente importantes para a vida judaica no período pós-exílio.

Neemias 8:1-12 narra uma outra inovação do judaísmo do Segundo Templo: a leitura pública da Torá bem como sua explicação; agora os escribas e levitas eram os professores de Torá do povo. O ensino público democratizou o conhecimento da Torá. Esse conhecimento incentivou e permitiu que leigos perceptivos se dedicassem ao estudo da Torá. Essa classe de professores e exegetas de origem levítica atuou como árbitros da lei em Israel e salvaguardou a transmissão correta dos textos que o incorporaram (Schaper, 2008, p. 404; Josefo, *Antiguidades*, 2013, XI:V, 5-6). Como veremos, essa inovação será mais tarde o gatilho para o surgimento do farisaísmo.

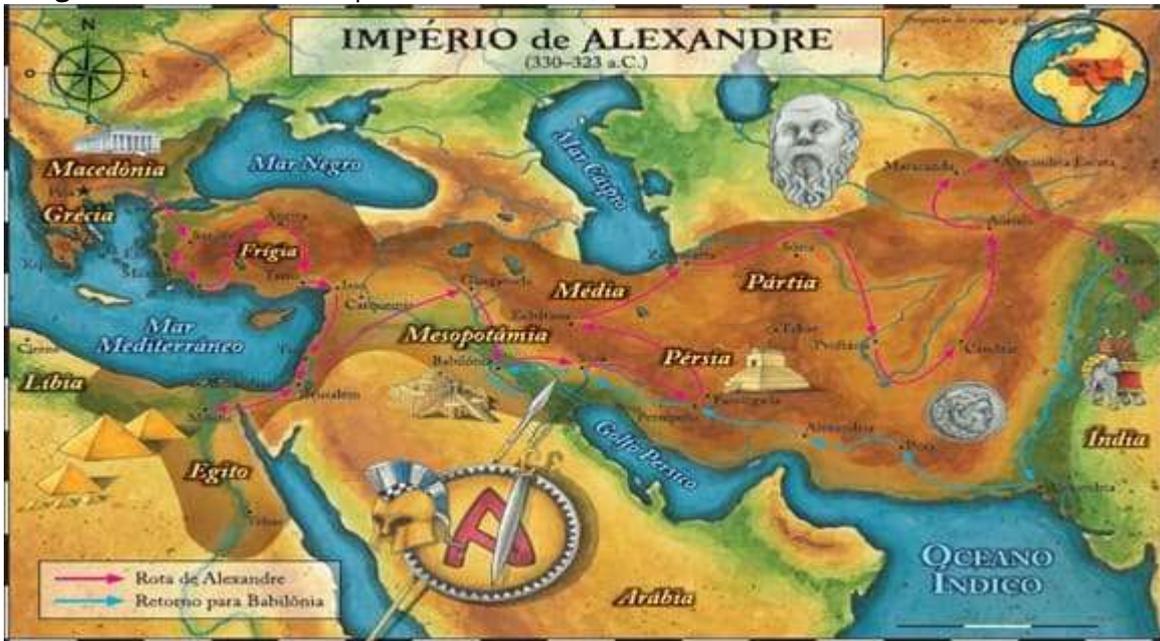
## 4. Entre Persas e Gregos: O Farisaísmo no Período Helenista

Não muitos anos depois de Esdras, o império persa ruiu frente ao jovem Alexandre III da Macedônia, que ficou conhecido como Alexandre, o Grande, por conta de suas façanhas (Silva, 2014, p. 597). Em 331 AEC, Alexandre derrota o rei persa Dario III em Gaugamela, e o persa, derrotado, fugiu deixando o caminho livre para Alexandre. Um ano mais tarde o macedônio entra em Persépolis, saqueia o tesouro persa; era o fim do Império Aquemênida e o

<sup>14</sup> Um ponto de vista diferente acerca do papel de Esdras como fundador do judaísmo pode ser visto em Scardelai (2012, p. 163).

surgimento do império grego sob Alexandre (Reinke, 2021, p. 294-295; Hoffmeier, 2019, p. 198-201; Magness, 2012, p. 63).<sup>15</sup>

**Imagem 2** – Extensão do Império de Alexandre, o Grande

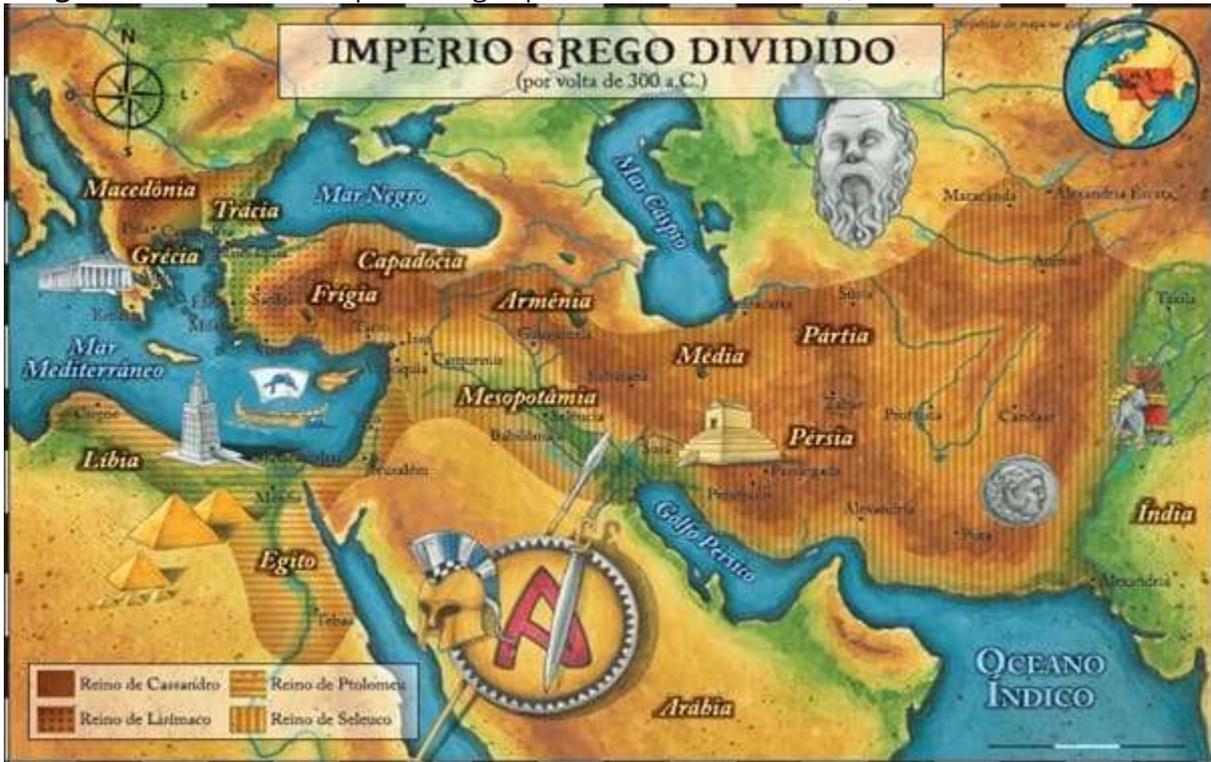


Fonte: (REINKE, 2018, p. 83).

Alexandre teve uma carreira breve como rei, mas deixou marcas na história que nem o tempo pode apagar. Quando Alexandre morreu, em 323 AEC, suas conquistas se estendiam por todo o Mediterrâneo; o rei dera início a uma revolução cultural na antiguidade tanto no âmbito social quanto religioso (Magness, 2012, p. 66). O livro de 1 Macabeus começa com uma síntese dos feitos de Alexandre, o Grande:

Depois que Alexandre, filho de Filipe, macedônio saído da terra de Cetim, venceu Dario, rei dos persas e dos medos, tornou-se rei em seu lugar, começando pela Hélade. Empreendeu, então, numerosas guerras, apoderou-se de fortalezas e eliminou os reis da terra. Avançou até às extremidades do mundo e tomou os despojos de uma multidão de povos, e a terra silenciou diante dele. Assim exaltado, seu coração se elevou. E recrutou um exército sobremaneira poderoso, submetendo províncias, nações e soberanos, que se tornaram seus tributários. Depois disso tudo, caiu doente e percebeu que ia morrer (1Mc 1:1-4).

<sup>15</sup> André Daniel Reinke (2018, p. 82) explica: “Os helenos que os romanos chamavam de Grécia eram povos oriundos dos Balcãs e que invadiram o território no entorno do Mar Egeu a partir do segundo milênio a.C. Eram formados por grupos étnicos chamados aqueus, jônicos, eólios e dóricos. O terreno um tanto acidentado da Grécia e do entorno do mar Egeu privilegiou a separação desses povos em diversas cidades-estados independentes (embora a geografia não fosse fator determinante).”

**Imagem 3** – A Divisão do Império Grego após a morte de Alexandre, o Grande

Fonte: (REINKE, 2018, p. 85).

O rei Alexandre era um entusiasta da cultura helênica e buscava levá-la o mais longe possível.<sup>16</sup> David Hinson (1990, p. 182) salientou que Alexandre foi aluno de um dos maiores estudiosos gregos, Aristóteles. Não há dúvida de que Alexandre acreditava que estaria fazendo um bem à humanidade ao espalhar a cultura grega pelo mundo.

A cultura grega foi disseminada através das cidades helênicas: as pólis. Pólis eram cidades espalhadas pelo império. Um de seus objetivos era disseminar a cultura helênica. Os gregos acreditavam que a vida nas pólis era a única referência dentro da qual seria possível a vida humana. Os gregos tinham sua cultura em um padrão muito elevado; aqueles que não haviam sido helenizados eram considerados bárbaros. Todo o judaísmo foi afetado pela cultura grega em maior ou menor medida, tanto os judeus da diáspora quanto os de Jerusalém (Skarsaune, 2004, p. 69-70).

O processo de helenização ocorreu em todos os lugares sob o domínio grego e até mesmo alcançou áreas sobre as quais a lança de Alexandre não se estendeu. Portanto, é complexa a distinção feita por alguns estudiosos entre os judeus na Palestina e os da Diáspora em termos de níveis de helenização; a maioria dos judeus nos anos após a morte de Alexandre se viu sob o domínio de algum dos diádocos de Alexandre; esses não cessaram de levar avante a cultura helênica (Grabbe, 2000, p. 608; Borger, 2003, p. 160).

Na Babilônia, a influência helenística era provavelmente menor do que em outros lugares, já que essa área foi tomada pelos partos após menos de um século de domínio grego. Mas muitos judeus também viviam no Egito, na Síria ou na Ásia Menor, geralmente em cidades de língua grega. Muitos perderam seus conhecimentos de hebraico e aramaico como, por

<sup>16</sup> Lester Grabbe (2000, p. 607) observa: "Alguns aspectos da cultura grega eram novos no antigo Oriente Próximo, mas nem todos eram, e os conquistadores gregos foram influenciados de muitas maneiras pelos povos entre os quais se assentaram como os influenciaram. O que está claro nos estudos recentes é que a cultura grega não deslocou o nativo; apenas acrescentou outro elemento à mistura complexa já existente."

exemplo, Filo de Alexandria, que claramente conhecia pouco ou nada de hebraico, certamente não o suficiente para usar a Bíblia Hebraica.<sup>17</sup> A Septuaginta (LXX) foi originalmente criada para atender às necessidades dos judeus que viviam em Alexandria no Egito sob o governo de Ptolomeu, esses já não dominavam mais o hebraico e, portanto, precisavam de uma Bíblia em grego (Fischer, 2013, p. 98-106; Tilly, 2004, p. 16).<sup>18</sup> Mesmo aqueles que mantiveram um conhecimento de hebraico e aramaico não teriam escapado da forte influência de seu ambiente de fala grega. Esequias Soares (2009, p. 56-57) observa que a LXX foi usada na própria sinagoga, o que diz muito.<sup>19</sup>

Como qualquer outro povo da região sírio-palestina, os judeus da palestina foram influenciados pela helenização.<sup>20</sup> Assim, pode-se dizer que, desde algum tempo bem no início do período grego, todo o judaísmo deve realmente ser designado “judaísmo helenístico” no sentido estrito. Um conhecimento do grego era uma maneira de se elevar no mundo, e alguns evidentemente acharam outros aspectos do estilo de vida grego atrativos. Assim, com o passar do tempo, a identidade grega mudou de ênfase, da descendência étnica para a língua e educação (Grabbe, 2000, p. 612).<sup>21</sup>

A medida de adoção do estilo de vida grego variou muito – com os camponeses provavelmente sendo menos afetados e a aristocracia mais. Mas, além do modo de vida daqueles que eram cidadãos de uma cidade grega, a influência grega era mais evidente nas áreas da literatura e arquitetura.

## 4.1. A Judeia sob o Governo Ptolomeu (333-200 AEC)

Quando Alexandre tomou a Judeia não encontrou resistência, e o povo logo se submeteu ao seu governo. Alexandre, por sua vez, não adotou uma política muito diferente dos persas em relação ao culto judaico; os judeus tinham liberdade para manutenção do sacerdócio. Quando Ptolomeu I Soter, diádoco de Alexandre, passou a governar a região, manteve a política para com os judeus (Reinke, 2018, p. 86; Marques, 2022, p. 271; Kaiser, 1998, p. 459-460). O sumo sacerdote ainda era a principal autoridade entre os judeus em questões espirituais e políticas, embora respondesse aos ptolomeus pelo que acontecia na Judeia (Hinson, 1990, p. 185).

Sob o domínio de Ptolomeu, a Judeia viveu anos de estabilidade e prosperidade. Isso permitiu que os judeus da região vivessem sua religião e desenvolvessem antigas instituições. Porém esses anos terminariam em 312 AEC, quando os selêucidas tomaram a região. Esses tinham amplo interesse pelo corredor siro-palestino, e a Judeia sempre foi cobiçada por conta de sua geografia. Era um importante corredor comercial do Antigo Oriente Próximo ligando o Egito à Fenícia, o norte da Síria, a Mesopotâmia e a Arábia (Marques, 2022, p. 271-273).

Joaquim Schaper (2008, p. 405) observou que, sob o governo ptolomeu, a Palestina experimentou décadas de crescimento econômico. O volume do comércio exterior cresceu

<sup>17</sup> Sobre o conhecimento de Filo de hebraico, ver Rajak (2018, p. 173-188).

<sup>18</sup> Ptolomeu e sua família no Egito foram ativos no incentivo à cultura grega. Alexandria sob o domínio dos ptolomeus se tornou um grande centro de aprendizado. Alguns dos maiores estudiosos gregos estudaram e ensinaram lá, incluindo os matemáticos Euclides e Arquimedes (Hinson, 1990, p. 183).

<sup>19</sup> Para um estudo abrangente da LXX no judaísmo alexandrino, ver Paget (2019, p. 104-118).

<sup>20</sup> Para um estudo detalhado sobre a helenização na Judeia, ver Schürer (1985, p. 82-119).

<sup>21</sup> Hans Borger (2003, p. 162-163) destaca que Judá ficou livre da influência helênica, todavia ele deixou de observar o que foi destacado acima. É evidente que o povo Judá foi menos afetado que o da diáspora, mas como salientado anteriormente não ficou totalmente isento. O próprio Borger reconhece que os *soferim* receberam grande influência do pensamento de Sócrates.

consideravelmente; os efeitos positivos foram percebidos em todo o país. Novas plantas e técnicas agrícolas foram introduzidas, a irrigação artificial produziu excelentes resultados, inovações contribuíram para a recuperação econômica geral. Uma nova classe social surgiu nesse ambiente: eram pessoas que estavam ascendendo economicamente em Jerusalém.

Nesse contexto o que fora começado por Esdras ganhou força; além dos escribas ligados ao Templo, há um grupo de escribas que surge. O bom momento lhes permitiu ascender socialmente, ter condições para estudar e se tornarem especialistas em Torá. É razoável sugerir que esse grupo emergente se tornará conhecido mais tarde como fariseus, isso inclusive explica o fato de os fariseus estarem muito mais ligados as sinagogas do que ao Templo (Schaper, 2008, p. 403-406). O meio do povo era o hábitat natural deles, e ali ganharam notoriedade como intérpretes da lei. Os saduceus, seus principais opositores políticos e teológicos, os chamavam de “líderes da ralé” (Miranda; Malca, 2001, p. 57). Nessa época ainda não eram conhecidos como fariseus; mais tarde, neste artigo, discutiremos acerca desse nome ao abordarmos seu papel no período macabeu.

No final do governo ptolomeu e início do selêucida viveu aquele que é considerado o último homem da Grande Assembleia: Simão, o Justo (Steinsaltz, 2019, p. 63; Neusner *et al.*, 2003, p. 396-397). Filho do sumo sacerdote Onias II, ele herdou do pai o sacerdócio; segundo algumas fontes, teria exercido essa função por 40 anos (Neusner, 1991, p. 24-59; Josefo, *Antiguidades*, 2013, XII: IV, 1; Eclesiástico 50:1-14; b. *Yoma* 39a:15-17).<sup>22</sup> Na época desse sábio nasce o Sinédrio, que dá sequência à Grande Assembleia (Ausubel, 1989, p. 812-813).

O Sinédrio era composto por líderes judeus da alta sociedade e era responsável por legislar acerca das leis civis e religiosas para os judeus. Nos anos que se seguiriam ao surgimento dessa instituição, muitos embates aconteceriam entre saduceus e fariseus pelo seu controle. Em determinados momentos a liderança era dos saduceus, em outros dos fariseus e às vezes ambos trabalhavam juntos com uma minoria de fariseus, como veremos mais adiante.

## 4.2. A Judeia sob o Governo Selêucida, Macabeu/Asmoneu (200-63 AEC)

Quando Antíoco III tomou a Judeia, em 312 AEC, as coisas não mudaram muito para os judeus que viviam ali, e a política dos ptolomeus foi mantida. Porém essa realidade iria mudar com seu sucessor, Antíoco IV. Ao Antíoco IV tentar uma investida contra o Egito, sem sucesso, por temor de Roma, retrocede e, no seu retorno, se volta contra Jerusalém. Quando ele conseguiu dominar Jerusalém, matou muitos que se opunham ao seu governo; após saquear o tesouro do Templo retornou a Antioquia. Para apressar o andamento da helenização, Simeon ben Tobias depõe o sumo sacerdote Onias III; colocando no seu lugar Jason, que tinha o apoio de Antíoco IV. Com o trabalho e a opressão desses homens em 172 AEC Jerusalém é proclamada uma pólis (Marques, 2022, p. 290).

Em 168 AEC, Antíoco tentou eliminar o culto ao Deus de Israel. O rei construiu um altar de ídolos no altar de Deus, matou um porco e, assim, ofereceu um sacrifício, algo extremamente grave para a religião judaica, que tinha os suínos como animais imundos e qualquer fiel deveria ficar longe deles. Ele ainda os obrigou a abandonar a adoração que faziam ao seu Deus e a adorar aqueles que ele considerava serem deuses; e os fez construir templos e erguer altares para ídolos em todas as cidades e aldeias (Josefo, *Antiguidades*, 2013, XII: V, 4). Os rolos da Torá

<sup>22</sup> Todos os textos do Talmude Babilônico são da edição de Neusner (2011) e os textos do Talmude de Jerusalém são de Neusner (2010). As citações do Talmude Babilônico serão indicadas por um “b.” antes do tratado citado e as do Talmude de Jerusalém por um “j.” antes do tratado citado.

foram queimados e quem os possuísse era morto. As mães que circuncidavam seus filhos eram assassinadas (1Mc 1:44-64).

O antissemitismo era uma realidade vívida e intensa para os judeus da época. Apenas a revolta dos macabeus trouxe uma revogação do decreto.

Por esses dias surgiram de Israel indivíduos desprezíveis que seduziram a muitos, dizendo-lhes: “Vamos! Aliemo-nos às nações que os cercam, pois, depois que delas nos separamos, sobrevieram-nos muitos males.” Agradou-lhes tal arrazoado, e alguns de entre o povo apressaram-se a ir ter com o rei, o qual lhes deu autorização para observar as práticas das nações [ou dos gentios], conforme os usos delas. Construíram, pois, um ginásio em Jerusalém, refizeram o seu prepúcio, renegaram a aliança santa para se associarem aos pagãos e venderam-se para fazer o mal (1Mc 1:11-15).

Os habitantes de Mondin que não haviam se submetido ao decreto do rei continuaram a oferecer seus sacrifícios. O livro de 1 Macabeus registra o momento em que os emissários do rei chegam até o velho sacerdote Matatias para que esse ofereça um sacrifício de acordo com os requisitos do rei. Matatias se recusa, mas um judeu se atreveu a fazer o sacrifício. O velho sacerdote, tomado de ira, derrubou o altar e assassinou o funcionário do rei que ordenava o sacrifício (1Mc 2:17-28).

Matatias, após esse feito, convida todos os judeus que não concordavam com a helenização a fugirem para as montanhas com ele. Esconderam-se em cavernas com seus filhos e esposas, mas quando os generais do rei souberam, tomaram todas as forças que tinham na cidadela de Jerusalém e perseguiram os judeus no deserto; ao encontrarem os rebeldes queriam que estes desistissem de sua oposição ao governo selêucida, porém, segundo a narrativa de Josefo e Macabeus, os rebeldes não voltaram atrás. Os selêucidas então os atacaram em um sábado e os queimaram, como estavam nas cavernas, sem resistência. Eles não se defenderam naquele dia, porque não estavam dispostos a quebrar o sábado, mesmo em tal situação. Segundo Josefo, havia cerca de três mil homens, com suas esposas e filhos entre os que morreram nessas cavernas; mas muitos dos que escaparam juntaram-se a Matatias e o nomearam para ser seu governante (Josefo, *Antiguidades*, 2013, XII: VI, 1-4).

Era o início da revolta macabeia; Matatias, sendo avançado em idade, faleceu pouco depois do início, e Judas Macabeu seu filho, se tornou o líder; ele foi o responsável por expulsar os selêucidas da terra. Em 164 AEC, o Templo foi reconsagrado, data essa que posteriormente passou a ser celebrada no feriado de Hanuká (festa das luzes). A vitória dos Macabeus resultou no estabelecimento de um estado judaico parcialmente autônomo e reconhecido pelos sírios e, mais tarde, em um estado judeu independente. A insurreição dos Macabeus representava a autodefesa do judaísmo contra a “helenização” forçada (Josefo, *Guerras dos Judeus*, 2013, I:I, 1-6; Bruce, 1988, p. 458; Satran, 2009, p. 333).

É no período dos macabeus que surgem os termos *helenismo* e *judaísmo*, que representavam dois estilos de vida diferentes (antagônicos). James Dunn (2003, p. 401) observa acertadamente:

O “judaísmo” é apresentado como um ponto de união para a resistência aos sírios e para um levantamento da identidade nacional como povo da aliança do Senhor. Dito de outra forma, “judaísmo” foi cunhado como um título para o defender ao contrário do “helenismo” (2Mc 4:13). Em outras palavras, o termo “judaísmo” parece ter sido cunhado como meio para dar enfoque à determinação dos patriotas. Não era, simplesmente, descrição neutra da religião dos judeus, como poderíamos compreender hoje.

Após a morte de Judas Macabeus quem dá sequência ao seu legado é seu irmão Jônatas. Judas liderava o povo e um exército judeu. O comando de Jônatas possibilitou expandir o território e conquistar a independência. Jônatas fez vários acordos e alianças com vários países, como Esparta, e inclusive com a potência da época, a República Romana, para que fosse reconhecida a situação de Israel como nação livre perante o império selêucida. Jônatas prossegue com a revolta, até que no ano de 152 AEC ganhou o cargo de sacerdote de Israel por decreto de Alexandre Balas, rei selêucida. Embora a família dos macabeus não fosse da linhagem de Zadoque, permaneceram sacerdotes até o período romano (Josefo, *Antiguidades*, 2013, XIII; Skarsaune, 2004, p. 42).<sup>23</sup>

Jônatas morre em 143 AEC e foi sucedido por Simão, seu irmão que assume a “coroa” em 142 AEC. Ele conseguiu a isenção de impostos e o reconhecimento dos selêucidas. Simão foi eleito pelo povo como o novo sumo sacerdote e coroado como príncipe. Depois, angariou o apoio dos romanos, conseguindo dessa forma tornar Judá um reino independente (Reinke, 2018, p. 86; Nodet, 1997, p. 47-51). Simão foi morto em 135 AEC pelo seu genro. Sua morte representava o fim da dinastia macabeia e o início da *asmoneia* em Judá que teria sequência sob a liderança de seus netos (Josefo, *Antiguidades*, 2013, XIII: VII). João Hircano, filho de Simão, tomou o título de príncipe rapidamente e assumiu o governo.

João Hircano I (134-104 AEC) é um nome importante na dinastia asmoneia, pois durante seu governo algumas controvérsias marcaram o judaísmo do Segundo Templo, controvérsias que talvez tenham dado origem à comunidade de Qumran. Hircano I deu início a uma política de conquista, usando mercenários helenistas, bem como soldados judeus. Anexou áreas a leste do Jordão, a idumeus ao sul e as terras samaritanas até Citópolis (Bete-Seã) ao norte. Os idumeus foram forçados a aceitar a circuncisão e a viver de acordo com a *lei judaica*. Esse zelo de Hircano I para com a lei judaica pode estar vinculada à sua relação com os fariseus. Josefo atesta que João Hircano fora seguidor dos fariseus e certamente absorveu seus ideais quanto à observância da lei.

Josefo (*Antiguidades*, 2013, XIII: X. 5) inclui uma história segundo a qual João Hircano I deixou de lado a lealdade aos fariseus e passou a dar apoio aos saduceus (SCHÜRER, 1985, p. 281-286). Essa cisão teria acontecido porque um indivíduo chamado Eleazar teria posto em dúvida a idoneidade da mãe de João Hircano I, sugerindo que, na época em que a mãe de Hircano I fora cativa de Antioco IV, ela poderia ter sido violada. Isso implicava que a pureza da genealogia sacerdotal de Hircano estava em dúvida. Então um saduceu chamado Jônatas teria informado Hircano I que os fariseus tinham o mesmo posicionamento desse indivíduo. Assim Hircano I ficou irado por colocarem em dúvida a dignidade de sua mãe e rompeu com os fariseus.

Em certa ocasião, ele os convidou [os fariseus] para um banquete e os celebrou muito. Ao vê-los encorajados, começou a dizer-lhes que sabiam muito bem que ele queria ser justo e agir segundo a vontade de Deus, como ensinam os fariseus. Pediu-lhes que, se vissem que ele estava pecando e se desviando de alguma coisa, o corrigissem e indicassem o caminho certo. Quando eles testemunharam sua virtude, ele ficou satisfeito com seus elogios. Mas um dos convidados, chamado Eleazar, um homem perverso e sedicioso, disse: “Já que queres saber a verdade, se queres ser justo, deixa o pontificado e contenta-te em ser príncipe do povo.” Hircano perguntou por que ele deveria abdicar do pontificado. “Porque aprendemos com nossos anciãos”, respondeu ele, “que sua mãe era uma escrava durante o reinado de Antioco Epifânio.” Era falso.

<sup>23</sup> Anteriormente nesta pesquisa destacamos que Josefo coloca os fariseus pela primeira vez nesse período, isto é, sob o governo de Jônatas. Porém salientamos que existe uma incongruência no relato deste historiador: o próprio Josefo (*Antiguidades*, 2013, XIII: V. 9) parece não ter certeza acerca da origem desse grupo.

Hircano ficou indignado, assim como todos os fariseus (Josefo, *Antiguidades*, 2013, XIII: X. 5).

Todavia, os estudos críticos têm demonstrado que essa história vem de outra fonte, Menelau. O texto é inserido de forma abrupta em uma narrativa que era favorável aos fariseus e seu relacionamento com Hircano I; em toda a narrativa há um bom relacionamento entre os fariseus, o sumo sacerdote e Hircano I (Mason, 1991, p. 215-220; Sivertsev, 2005, p. 149-150). Eleazar em nenhum momento é mencionado como sendo fariseu, porém a inserção de uma nova fonte no texto fez parecer que ele fazia parte do grupo dos fariseus. A narrativa indica um culpado, Eleazar. Este, por sua vez, é descrito como tendo uma natureza maligna. Assim o zelo de Josefo em promover Hircano I e desacreditar os fariseus levou a uma redação um tanto desajeitada (Mason, 1991, p. 230).

Uma fonte arqueológica importante da época de Hircano I são as moedas, pois o uso feito nelas do hebraico e de símbolos judaicos podem depor acerca de seu compromisso com antigas tradições e mesmo uma influência farisaica. As moedas do período de João Hircano I trazem símbolos alusivos à realeza (como diademas) e à vitória (como coroas de flores e âncoras). Elas também exibem inscrições com o nome e título do asmoneu da época em que foram cunhadas. As inscrições estão em hebraico. No caso das moedas de Hircano é usado o paleo-hebraico, estilo de escrita usado desde a época de Davi até o século 5º AEC, quando se adotou a forma quadrática do aramaico para escrita hebraica. Os arqueólogos veem no uso dessa escrita uma alusão à monarquia davídica (MAGNESS, 2012, p. 105). O texto da moeda diz: “Yehohanan, sumo sacerdote, e o Conselho dos Judeus.” Hircano é o primeiro governante asmoneu a colocar seu nome nas moedas.

O uso do paleo-hebraico em especial era significativo. Já observamos que os judeus em geral adotaram o aramaico e posteriormente o grego, principalmente aqueles que eram favoráveis ao helenismo. O conhecimento de hebraico era restrito àqueles que eram versados na lei e principalmente o paleo-hebraico. É razoável sugerir que o uso desses elementos por Hircano I sejam devidos a influência farisaica em sua vida.

**Imagem 4** – Moeda de João Hircano I.



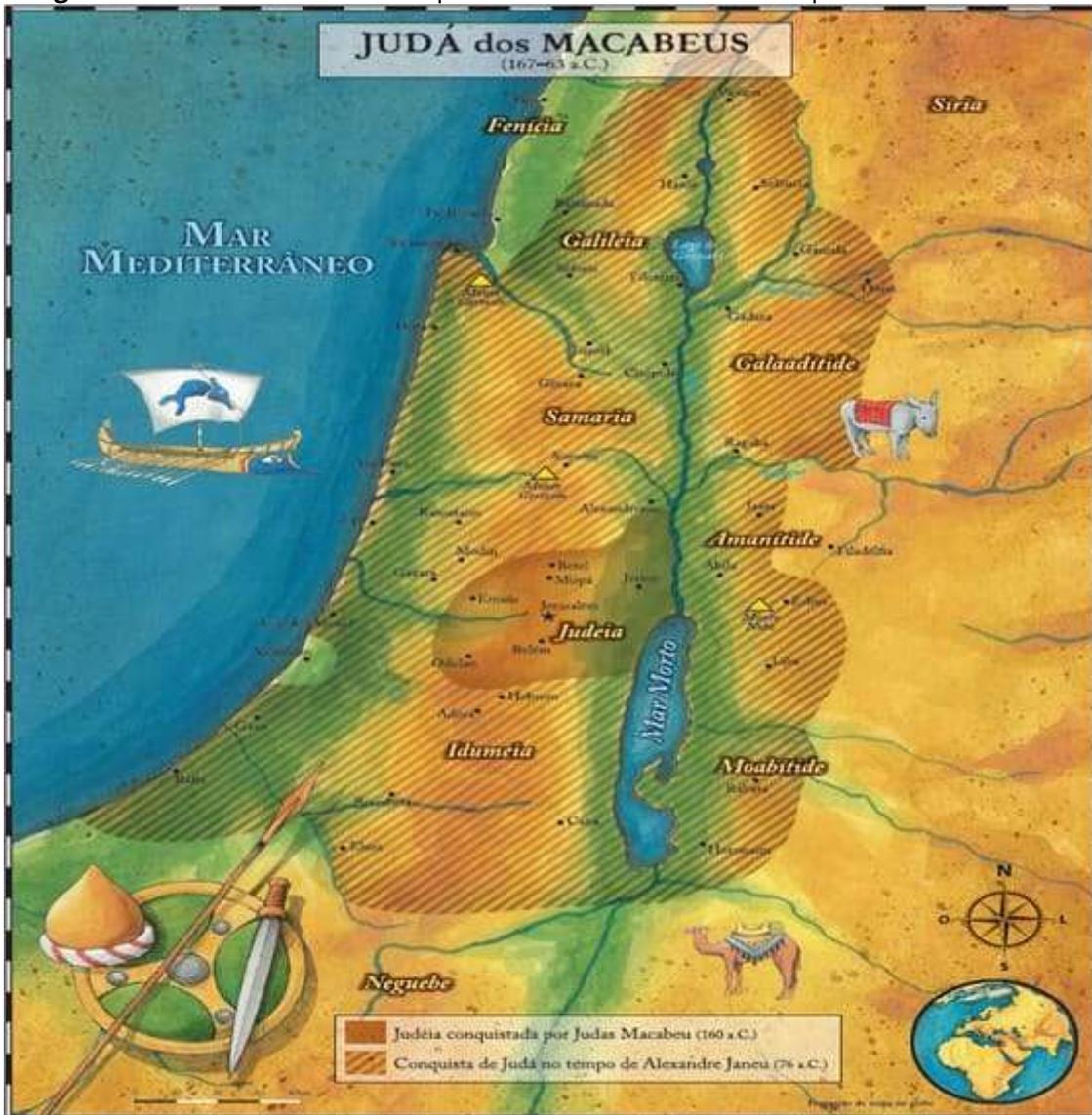
**Fonte:** Magness (2012, p. 105).

Uma das principais fontes históricas para a reconstrução da história de Judas Macabeus até João Hircano I é o livro de 1 Macabeus, o que é singular pela própria natureza farisaica da obra. Esse livro foi escrito originalmente em hebraico e posteriormente traduzido para o grego.

Sua origem hebraica indica que foi produzido por alguém versado nessa língua e, portanto, apegado às tradições de seu povo, em contrapartida a muitos judeus helenistas, que estavam dispostos a deixar o estilo de vida judaica para viver o helenístico. A forma como esse livro exalta a observância da lei e a importância de preservá-la, mesmo que isso possa custar a vida, indica que o autor era um judeu que buscava a preservação da lei judaica. É razoável que esse livro tenha sido escrito em círculos farisaicos alguns anos após a morte de Hircano I (Leonhard, 1980, p. 71-76).<sup>24</sup>

Após a morte de Hircano I em 104 AEC seu filho Aristóbolo I assume a liderança, porém faleceu um ano depois (103 AEC). Alexandre Janeu (103-76 AEC), outro filho de Hircano, assume o trono. Janeu é o primeiro asmoneu a se declarar rei e também exerceu o sacerdócio. Durante seu governo conseguiu expandir o reino conquistando Moabe e Gileade.

**Imagem 5** – Territórios dominados pelos Macabeus e Asmoneus após a Revolta Macabeia.

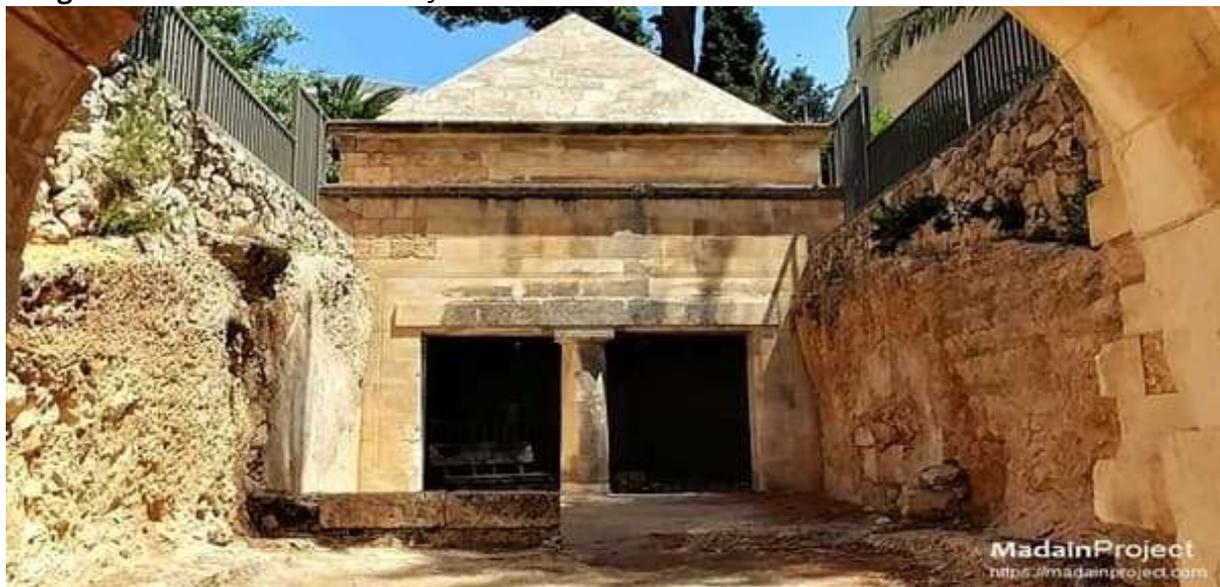


**Fonte:** Reinke (2018, p. 87).

<sup>24</sup> Um estudo abrangente sobre os livros dos Macabeus pode ser encontrado em Geza Xeravits e Jozsef Zsengeller (2007).

Em 1956, foi encontrada a tumba de Alexandre Janeu e onze anos mais tarde Levi Yitzhak Rahmani a escavou.

**Imagem 6** – Tumba de Alexandre Janeu.



**Fonte:** Madain Project (2017).

A tumba de Janeu é importante porque reflete a natureza da relação do governo asmoneu com a cultura helênica e judaica. O uso da ordem dórica, *loculi* e da língua grega refletem a influência helenística na família do falecido. Os grafites foram desenhados a carvão ou incididos no reboco das paredes, e os grafites exibem diversas inscrições em aramaico e uma em grego. Ainda foram encontrados os desenhos de cinco menorás de sete braços (Magness, 2012, p. 98).

Moedas da época de Janeu também foram encontradas com o mesmo tipo de escrita paleo-hebraica seguido nas moedas de Hircano I, pai de Janeu.

**Imagem 7** – Moeda de Alexandre Janeu.



**Fonte:** *Journal of Jewish Studies*.

No governo de Alexandra, esposa do falecido Alexandre Janeu (76-67 AEC), os fariseus retomam o Sinédrio e conseguem exercer um nível de influência significativo, porém o uso do

aramaico e de símbolos caros ao judaísmo como a menorá indicam que os fariseus não estivessem tão distantes da família “real” nos anos anteriores e até exerciam certa influência. Mencionamos anteriormente que Hircano I, pai de Janeu, fora seguidor do farisaísmo.

Ainda que as informações de Josefo quanto ao aparecimento dos fariseus na época de Jônatas ou Hircano I sejam vagas, elas apontam para uma direção: os fariseus estavam presentes na vida da família desde os tempos antigos e exerceram certa influência sobre eles. Diferente dos sacerdotes anteriores que tinham um compromisso com a helenização, esses últimos foram afetados por ela, porém tinham um certo respeito pela lei judaica, que, ao que tudo indica, aprenderam dos fariseus. O maior líder fariseu da época, Simeon bem Shetach, era irmão de Alexandra.

Após a morte de Alexandra em 67 AEC os irmãos Hircano II e Aristóbulo lutavam pelo direito do trono quando, em 63 AEC, os romanos iriam interferir nessa situação (Borger, 2003, p. 178-181; Bull, 2009, p. 209; Skarsaune, 2004, p. 41-43).

## 5. A Judeia sob o Governo Romano (63 AEC-70 EC)

Hircano II, por ser mais fraco, precisaria de apoio externo para obter vitória contra Aristóbulo. Tal apoio viria do general romano Pompeu que, no início, resistiu à ideia, mas acabou tomando partido por Hircano II em 63 AEC. O romano estabeleceu Hircano como sacerdote e colocou Antípater, que até então estava governando a Idumeia para governar em Jerusalém. Hircano II e Antípater ficaram no poder de 63 a 40 AEC, porém uma guerra civil entre Júlio César, Pompeu e Marco Crasso era a preocupação do momento para os romanos, e essa teria implicações no governo da Judeia (Maier, 2005, p. 173-175).

Pompeu e Crasso eram líderes importantes em Roma e aspiravam ao senado para terem mais poder. Pompeu queria terras para recompensar seus soldados, e Crasso era rico, mas não gozava de influência política. Júlio César apresenta para ambos uma ideia a fim de atender as necessidades tanto de Crasso quanto de Pompeu. César sugere a criação de um triunvirato; ele seria cônsul e atenderia às ambições de Pompeu e Crasso (Suetônio, 2019, p. 18-19; Plutarco, 2020, p. 150; Sant’ Anna, 2015, p. 178). Porém, os métodos nada ortodoxos de César despertaram a rejeição do senado, quando se viu prestes a ser destituído do cargo parte para a conquista da Galia, uma conquista há muito sonhada pelos romanos. Sua vitória contra Vercingetórix, chefe gaulês, implicaria em apoio popular, o que lhe daria força política para não ser destituído (Plutarco, 2020, p. 153-155). Em 55 AEC, Crasso toma a mesma atitude de César, ele decidiu tentar buscar glória no Oriente ao conquistar os partos. Financiou sua guerra saqueando o Templo de Jerusalém, porém não teria o mesmo sucesso de César, foi assassinado pelos partas e acabou com a boca cheia de ouro derretido como forma de castigo por sua avareza (Josefo, *Guerras dos Judeus*, 2013, I: VIII, 1-9; Montefiore, 2013, p. 111).

Enquanto César estava fora de Roma e Crasso morto, Pompeu tratava de criar leis para que César não conseguisse o consulado; foi exigido que ele voltasse a Roma para ser julgado pelo senado. Essa postura de Pompeu levou César a tomar uma decisão radical: em 49 AEC ele atravessaria o rio Rubicão. O rio ficava no centro da Itália dando acesso à Península Italiana; qualquer um que o atravessasse com um exército estaria declarando guerra a Roma. Quando Pompeu toma conhecimento do ato de César decide deixar a cidade temendo não poder vencê-lo em batalha (Suetônio, 2019, p. 27-30; Eyler, 2014, p. 231). César, por sua vez, envia Marco Antônio para a cidade e segue para as terras gregas na Macedônia em uma cassada a Pompeu por quatro meses. Em 48 AEC, na chamada Batalha de Farsalos, Pompeu, mesmo com um exército maior, amargou uma derrota contra César (Suetônio, 2019, p. 31).

Derrotado, o general foge para o Egito onde morreu nas mãos dos Ptolomeus. Júlio César seguindo sua caçada segue para o Egito e, quando lá chega, toma conhecimento da morte de Pompeu. Sua passagem pelo Egito foi marcada por seu relacionamento com a rainha Cleópatra, que o prendeu em terras egípcias por um tempo (Suetônio, 2019, p. 39-41). Quando, mais tarde, os egípcios se revoltaram contra Cleópatra, César se viu preso em Alexandria; essa era a oportunidade de Antípater, que antes havia apoiado Pompeu, se redimir com César. Ele marchou para o Egito com um exército judeu de três mil homens, que convenceu os judeus que estavam no Egito a apoiarem Júlio César. Esse ato garantiu a Júlio César a vitória, e Antípater ganhou seu apoio para governar em Jerusalém. César foi nomeado ditador pelo senado em 46 AEC, cargo que exerceu até ser assassinado em 44 AEC (Montefiore, 2013, p. 112-113; Domingues, 2019).

**Imagem 8** - Relevô do Templo de Denderano, no Egito, que exhibe Cleópatra, Júlio César e seu filho Cesarião, nascido em 47 AEC.



**Fonte:** Domingues (2019).

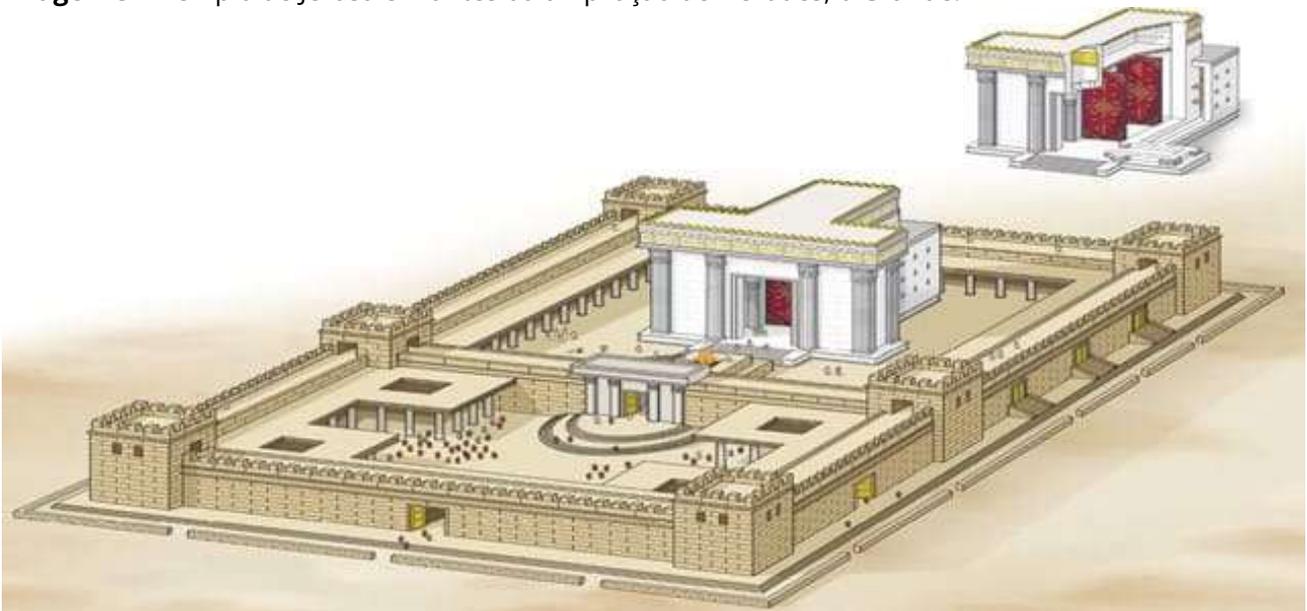
O sucessor de Júlio César, Marco Antônio, e seu parceiro Otaviano em 40 AEC nomearam Herodes como rei da Judeia e aliado de Roma (*rex socius et amicus Populi Romani*). Porém, Antônio não era um estrategista brilhante como César, e sua liderança em meio a conflitos foi complicada (Montefiore, 2013, p. 116). Os partos aproveitaram os conflitos romanos para conspirar contra Herodes e seu irmão Farsal. Após uma cilada dos partos, Farsal é morto e Herodes tem de entregar o trono para Antígono (Josefo, *Antiguidades*, 2013, XIV: XIII, 1-10). Herodes, filho de Antípater, que fora instituído pelo senado romano como o governante da Judeia, se viu em uma situação delicada, mas, com o apoio de Marco Antônio e dos Ptolomeus, ele conseguiria se estabelecer como governante de Jerusalém de 37-4 AEC.

Ao assumir o governo, Herodes ordenou a morte de 45 fariseus do Sinédrio acusando de serem pró-asmoneus. Esses haviam condenado ações ilegais de Herodes na Galileia em 37 AEC

ao matar rebeldes. Nessa matança Herodes deixou apenas dois líderes do Sinédrio vivos: Shemaía e Avtalion, pois eles haviam o defendido perante o Sinédrio. Os fariseus se viam constantemente em intrigas políticas e precisavam se posicionar de um lado nesses conflitos. Esse quadro parece apontar na direção de que esses homens tinham um certo protagonismo em Jerusalém. De fato, Josefo indicou que eles tinham muita influência entre os políticos, talvez pelo fato de estarem entre as massas e, assim, terem o apoio delas. Nenhum político se mantém muito tempo no poder sem o apoio popular.

O povo da Palestina viu nesse período um avanço significativo na segurança pública e nas construções. Herodes construiu cidades, aquedutos, pontes, estradas, teatros e ginásios, entre outros. Ainda ampliou generosamente o templo de Jerusalém, porém, por seu desconhecimento da religião judaica, colocou uma águia romana sobre os portões; seu falecimento se deu em 4 AEC por uma doença no intestino (Borger, 2003, p. 188-189; Skarsaune, 2004, p.44).

**Imagem 9** – Templo de Jerusalém antes da ampliação de Herodes, o Grande.



**Fonte:** Reinke (2018, p. 100).

Herodes ficou famoso por ser um grande construtor, essas construções tinham por finalidade ganhar o apoio tanto dos romanos quanto dos judeus. O apoio da população judaica veio em grande medida pela ajuda de Shemaía e Avtalion. Eles ajudaram Herodes a conseguir popularidade como gratidão por ele ter poupado suas vidas quando Herodes matou os membros do sinédrio (Vermes, 2008, p. 29).

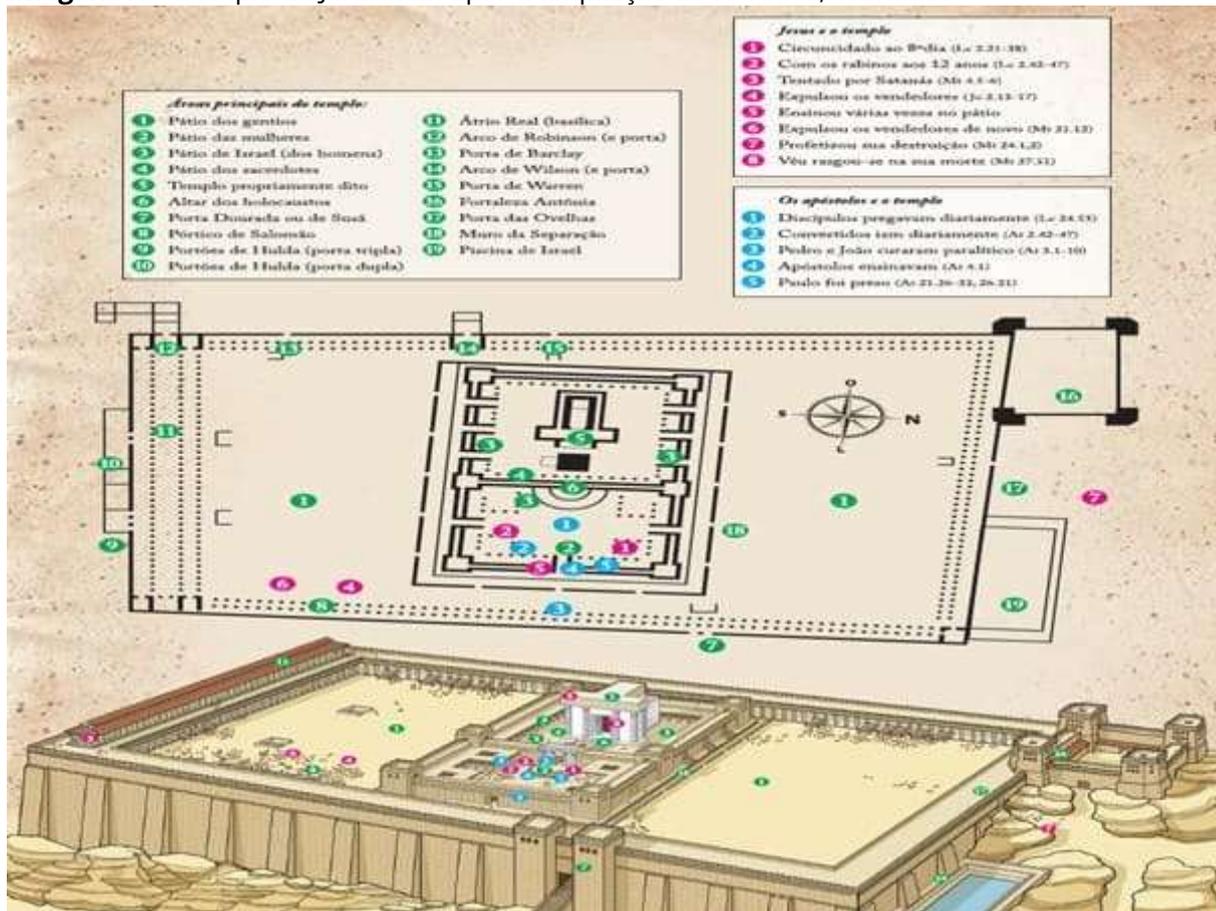
Como parte de seu plano para ganhar o apoio dos judeus, Herodes tomou como esposa Mariamne, irmã de Hircano II. Ele achava que se casando com uma princesa asmoneia seu status iria melhorar em Judá. Mas não foi o suficiente para os asmoneus, e em 29 AEC ele manda matar Mariamne e buscou acabar com a família asmoneia. Sua sede de poder era tal que em 7 AEC ele manda matar os dois filhos que teve com a princesa asmoneia, Alexandre e Aristóbulo (Vermes, 2008, p. 30, 130-134). Acerca de Herodes e sua política Reinke (2019, p. 310) destacou:

Herodes governou a província com mão de ferro e apoio militar de Roma, mas tentou agradar a gregos e troianos, ou melhor, a romanos e judeus. Manteve o sumo sacerdócio e os cultos da Lei, patrocinou a ampliação do templo de Jerusalém, resultando em uma magnífica e monumental obra de estilo helenista, embora mantivesse a planta básica

anterior. Patrocinou ainda muitas outras construções impressionantes, incluindo fortalezas militares e cidades inteiras seguindo o urbanismo greco-romano, homenageando o imperador ao batizá-las de Cesareia e Sebaste (versão grega de Augusto, construída sobre o que restou de Samaria). A intensidade de sua pacificação e de suas construções fez com que ele fosse conhecido como Herodes Magno.

Acerca de Herodes, ironizou Geza Vermes (2008, p. 29): “Herodes era um cruzamento de gênio e monstro; foi um magistral equilibrista cujos passos parecem ter sido sempre protegidos pela sorte.”

**Imagem 10** – Templo de Jerusalém após a ampliação de Herodes, o Grande.



Fonte: Reinke (2018, p. 101).<sup>25</sup>

Depois da morte de Herodes, o que era um único reino foi dividido em três províncias, ficando a Judeia e Samaria sob o controle de Arquelaus. Já a Galileia foi dada ao filho de Herodes, Herodes Antipas. A região nordeste ficou com Filipe (Lawrence, 2008, p.130-131).

## 5.1. Fariseus Contemporâneos de Herodes e seus Sucessores

Os sucessores diretos de Simeon ben Shetach, irmão de Salomé Alexandra, foram Shemaia e Avtalion, mencionados anteriormente como pró-Herodes. Eles fazem parte de uma época em que os fariseus não eram conhecidos pelos nomes. Os nomes de poucos fariseus desse

<sup>25</sup> Para um estudo abrangente acerca do Templo de Jerusalém, ver Roitman (2016); Ritmeyer (2002); Brosh (2008); Backhouse (1996).

período são conhecidos. Esse período é denominado pelos especialistas em literatura de Hazal como a *era dos Zugot* (Steinsaltz, 2019, p. 63). Zugot eram duplas de fariseus que lideravam o Sinédrio: um era o *nassí* (presidente) e o outro era o *av beit din* (chefe do tribunal rabínico). Com o final da era de zugot começa o chamado período tanaíta com Hilel, discípulo de Shemaía, e Avtalion.

A tradição talmúdica descreve os fariseus dos séculos 1º AEC e 1º EC e seus primeiros sucessores em duas alas ou escolas. Elas foram nomeadas em homenagem aos dois grandes sábios Hilel e Shamaí, que floresceram no final do 1º século AEC, cerca de 100 anos antes de o templo de Jerusalém ser destruído pelos romanos. Hilel e Shamaí são dois grandes nomes do judaísmo do Segundo Templo, e a literatura de Hazal registra cerca de 316 controvérsias entre eles. A escola de Shamaí tendia a ser mais rígida em suas posições. A escola de Hilel e geral era mais “liberal”. Das 316 controvérsias, somente em 55 a escola de Shamaí fez regras mais leves (Scott, 2017, p. 183; Goldenberg, 1996, v. 5, p. 1158).<sup>26</sup>

Hilel é considerado um dos maiores sábios da história do farisaísmo, marcou seu tempo, teve muitos discípulos e faleceu quando Jesus de Nazaré ainda não havia iniciado Seu ministério. Foi um eminente estudioso judeu e líder rabínico em Jerusalém no início do período herodiano. Os detalhes biográficos são escassos, mas parece certo de que Hilel era nativo da Babilônia, possivelmente como parte da política de Herodes de levar judeus da diáspora para Jerusalém (GAFNI, 2022). Nasceu por volta de 30 AEC e morreu em 20 AEC (b. *Pessahim* 66a; *Sukkah* 20a). Quando tinha 40 anos ele foi a Jerusalém para estudar exegese bíblica, e Shemaía e Avtalion, dois dos primeiros grandes “expositores” (b. *Pessahim* 70b), tornaram-se seus professores.<sup>27</sup> Hilel pagava a metade de seus ganhos diários como trabalhador para estudar na academia de Shemaía e Avtalion:

A. Nossos rabinos ensinaram sobre a autoridade tanaíta: B. O homem pobre, o homem rico e o homem iníquo chegam a julgamento. C. Para o homem pobre, eles dizem: “Por que você não se envolveu no estudo da Torá?” D. Se ele diz: “Eu era pobre e preocupado em ganhar a vida”, eles dizem a ele: “Você já foi mais pobre do que Hilel?” E. Eles disseram sobre Hilel, o Ancião, que todos os dias ele trabalharia como diarista e ganharia um tropaico. Metade ele pagou [pelo ensino] ao tesoureiro da casa de estudo, a outra metade que ele gastou para comer para si e para sua família. F. Uma vez ele não encontrou trabalho diurno e o tesoureiro não o deixou entrar. Ele subiu e se suspendeu e se sentou na boca da claraboia para ouvir as palavras do Deus vivo da própria boca de Shemaía e Avtalion. G. Eles dizem: Aquele dia era a véspera do sábado [sexta-feira], no solstício de inverno, e nevava sobre ele do céu (b. *Yoma* 35 b).

Hilel destacou-se na elucidação das regras legais (*halakot*) das Escrituras e seu zelo pelo estudo da Torá, apesar de sua pobreza, e tornou-se um modelo para os futuros alunos. Alguns estudiosos destacam que Hilel era voltado para a população mais simples. De acordo com um relato no Talmud, Hilel tornou-se o líder do povo judeu durante o período Segundo Templo por

<sup>26</sup> Um estudo detalhado sobre esses dois fariseus pode ser encontrado em Steinsaltz (2020, p. 15-34).

<sup>27</sup> Algumas tradições afirmam que Hilel, como Moisés, viveu 120 anos e que ele era descendente de Davi (b. *Ketubot* 62b), mas essas afirmações parecem ser veneração piedosa e não fatos. Os textos rabínicos dividem sua vida em três períodos: até os 40, foi trabalhador na Babilônia; de 40 a 80 estudou em Israel; dos 80 em diante foi patriarca (Miranda; Malca, 2001, p. 119-121; Neusner, 1971, p. 296; Way, 2002, 2. 716). Hilel é conhecido como um mestre e homem humilde e manso sem igual (Flusser, 2002, p. 49). Dos seus sucessores, apenas Yohanan ben Zakkai e Akiba foram considerados seus iguais. Precisamente por causa da importância que veio a ser atribuída ao nome de Hilel a tarefa de extrair informações biográficas das lendas que o cercam é extremamente difícil. Hilel veio a ser lembrado como o sábio ideal, e as histórias que contam seus atos e ensinamentos são às vezes demonstravelmente mais didáticas do que históricas. Mesmo que os fatos da questão nem sempre possam ser verificados, a imagem de Hilel criada por seus sucessores pode ser descrita com alguma clareza (Goldenberg, 1996, v. 3, p. 201).

causa de sua penetrante interpretação da Torá e do conhecimento autorizado que recebeu de seus mestres, Shemaía e Avtalion. Hilel tornou-se líder do Sinédrio depois de dar três argumentos para a prioridade do sacrifício pascal sobre o sábado. O conselho havia esquecido a halakhá sobre essa questão e consultou Hilel, que apresentou a tradição que recebera de Shemaía e Avtalion (*b. Pessahim* 66a; *J. Pessahim* 6.1).

A mais antiga lista de regras conhecida (*middot*) para a exegese da Torá é atribuída a Hilel; ele foi uma das primeiras pessoas a aplicar princípios avançados de interpretação na determinação de leis e ações práticas. Assim, ele é especialmente importante para o desenvolvimento do Talmude e da lei oral. Essas regras forneceram a base para a interpretação rabínica posterior (Devries, 1988, p. 979). Esses procedimentos aparecem na história sobre a oferta da Páscoa já mencionada, e estão listados em seu nome em *b. Sanhidrin*. 7.11.

Princípio 1: קל וחומר (literalmente, “leve e pesado”): o argumento de uma premissa menor para um dos principais.

Princípio 2: גזירה שוה (literalmente “cortar igualmente”): O ensino baseado sobre uma analogia ou inferência de um versículo para outro.

Princípio 3: בנגן אב מכתוב אהד (literalmente, “construindo um princípio de ensino baseado em um versículo”): proposição principal é derivada de um versículo.

Princípio 4: בנגן אב משני כתובים (literalmente, “construir um ensinamento princípio baseado em dois versículos”): a principal proposta é derivada de dois versículos.

Princípio 5: כלל ופרט ופרט וכלל (literalmente, “geral e específica, específica e geral”): ensinando de um princípio geral para um específico, ou de um princípio específico para um geral.

Princípio 6: כיוצא בו במקום אהר (literalmente, “como vem disso em outro lugar”): um ensinamento com base no que é semelhante em outra passagem.

Princípio 7: דבר הלמד מעניינו (literalmente, “uma palavra que é aprendida da sua própria edição”): uma questão que é aprendida com seus próprios sujeitos (Young, 2010, p. 258-259; Longenecker, 1999, p. 20-21).

Outro fariseu importante dessa época foi o colega de Hilel, Shamaí. Ele foi um proeminente fariseu que viveu entre 50 AEC e 30 EC. Seu nome é mais frequentemente associado ao de seu contemporâneo, Hilel, que era presidente do Sinédrio, enquanto Shamaí era vice-presidente. Ele era, igualmente a Hilel, grande em intelecto e erudição, mas em temperamento totalmente oposto. Pedreiro ou construtor, a tradição apresenta-o como impaciente e nada dócil (Miranda; Malca, 2001, p. 121). Shamaí tinha a reputação de ser rígido e rígido em sua aplicação da lei e severamente literal em sua interpretação das Escrituras, enquanto Hilel era mais liberal e humano na aplicação da lei e mais imaginativo no uso das Escrituras. Shamaí era famoso por seu ódio pela dominação romana e tentou proibir o povo judeu de comprar comida ou bebida dos gentios.

Duas escolas de interpretação seguiram esses dois contemporâneos – “a casa de Shamaí” e “a casa de Hilel” –, continuando até a época da compilação do Mishná, embora a casa de Hilel parecesse ter ganhado gradualmente ascendência sobre a casa de Shamaí. Os debates e conversas entre os dois rabinos ou as duas escolas estão registrados no Mishná e no Talmud, relativos a assuntos como oferendas, dívidas sacerdotais, dízimos, limpeza levítica e impureza, a observância do sábado, casamento e divórcio. Nem todas as interpretações de Shamaí, no entanto, eram rígidas, e o Mishná cita como um ditado célebre: “Faça do seu estudo da Lei uma questão de regularidade estabelecida; fale pouco e faça muito; e receba todos os homens com um semblante amigável.”

Esses fariseus viveram em um momento de grandes mudanças para o Império Romano. Eles viram o surgimento da Roma Imperial quando Otaviano, parceiro de Marco Antônio o destituiu e se tornou o primeiro imperador romano, mais conhecido como César Augusto (30 AEC-14 EC). O Império Romano tinha uma política diferente dos gregos em relação às demais culturas, e não estavam preocupados em assimilar os outros povos como era o caso dos helenistas. Antes, seus interesses estavam voltados para a dominação imperial. As mudanças políticas ocorridas na Judeia de então trariam consigo outras mudanças importantes que teriam implicações diretas sobre a religião e por consequência o farisaísmo.

A compreensão de que Roma não tinha o mesmo empenho dos gregos na helenização não deve ser entendida de forma errônea. Pesquisas arqueológicas recentes têm demonstrado que diversas cidades de Israel, em especial na baixa Galileia, o Vale do Rift e a Planície Costeira, tinham um estilo de vida tipicamente helênico no período Romano (Meyers, 2008, p. 70-71). As catacumbas dos fariseus de Beit Shearim foram escavadas e atestam o alto nível do grego falado pelos fariseus da região. Essa vila foi habitada por judeus entre o século 1º AEC e o 2º AEC. As tumbas judaicas dessa região exibem o fato de que os judeus que ali viviam se sentiam confortáveis com um estilo de decoração helênica em seus túmulos, que normalmente se pensava ser incompatível com judeus atentos para as leis da Torá (Stern, 2018, p. 168-251; Visotzki, 2016, 62). Beit Shearim foi uma das cidades em que o Sinédrio foi estabelecido após o ano 70 EC e nessa mesma cidade Yehuda Hanasi começou a compilação da Mishná (*b. Hosh Hashana* 31a-b).<sup>28</sup> A Mishná exibe um alto nível de uso de palavras gregas por parte dos rabinos, descendentes imediatos dos fariseus.

Beit Shearim foi o lar de fariseus e seus sucessores, os rabinos. O fato de essa cidade ter sido o lar de importantes nomes da literatura de Hazal é significativo para natureza de nossa pesquisa. Essa realidade indica que havia uma interação cultural entre esses sábios e a cultura helênica; em outras palavras, os fariseus não eram radicalmente opositores da cultura helenista.

## 5.2. Camponeses, Bandidos, Messias e a Posição Política Farisaica (6 AEC-70 AEC)

Até aqui falamos da aristocracia e suas ambições; no entanto, as ambições dos poderosos afetam os menos favorecidos. Durante o período de dominação romana, a Judeia viu um crescimento exponencial da urbanização, e os camponeses começam a migrar para a cidade. Isso teria consequências traumáticas para os agricultores. Com o estabelecimento da moeda romana e a necessidade de manter a cidade, pouco sobrava para os trabalhadores. Reza Aslan (2013) observa que entre o dízimo do templo e os pesados impostos pagos a Roma, cerca de metade da renda anual desses trabalhadores estava comprometida.

Outro desafio para essas pessoas era o próprio tempo da região: com poucas chuvas, muitas vezes suas lavouras eram comprometidas e, conseqüentemente, vinha o prejuízo financeiro, que os levava a buscar empréstimos com os aristocratas. Os juros eram exorbitantes e em boa parte dos casos não era possível pagar. Essas famílias perdiam suas terras; às vezes tinham que ir para outros lugares em busca de trabalho e, em outros casos, ficavam na propriedade trabalhando para o novo proprietário.

---

<sup>28</sup> Em uma tumba em Séforis foi encontrado um mosaico de Dionísio. Esses achados nos oferecem uma perspectiva do nível de helenização da palestina no período romano e de como os fariseus foram afetados. Para um estudo mais abrangente, ver Fiensy; Strange (2015).

Essas pessoas passaram a carregar uma profunda mágoa do Império Romano e formaram bandos de salteadores. Aslan (2013) observou corretamente:

Poucos anos após a conquista de Jerusalém pelos romanos, uma massa de camponeses sem terra encontrou-se despojada de suas propriedades, sem nenhum meio para alimentar-se ou a suas famílias. Muitos desses camponeses migraram para as cidades em busca de trabalho. Mas, na Galileia, um punhado de agricultores e proprietários que tinham perdido suas terras trocaram os arados por espadas e começaram a lutar contra aqueles que consideravam os responsáveis por suas desgraças. De seus esconderijos em cavernas e grutas da zona rural da Galileia, esses camponeses guerreiros lançaram uma onda de ataques contra a aristocracia judaica e os agentes da república romana.

Grupos foram formados; estes tinham seus líderes, que passaram a ser considerados “messias” – uma espécie de líderes guerreiros que tinham por finalidade liderar revoltas contra Roma com a finalidade de se libertar do jugo romano. O espírito de insatisfação e revolta tomou conta dessas pessoas fazendo com que o relacionamento do povo com os romanos ficasse cada vez mais tenso.

No curto espaço de tempo entre a morte de Herodes, o Grande, e a posse de seus sucessores mencionados acima houve uma revolta desta natureza. O historiador romano Cornélio Tácito destacou:

Na morte de Herodes, sem esperar por César, um certo Simão (Σίμων τις) usurpou o título de rei. Ele foi punido por Quintilius Varus, que governava a Síria, e três filhos de Herodes controlavam esse povo domesticado em três divisões (*Histories*, 2014, V, IX).

Nessa revolta dois mil revolucionários judeus foram crucificados por Varo (Josefo, *Guerras dos Judeus*, 2013, II:V, 1-3). Pouco tempo mais tarde outra revolta iria acontecer: Quirino, em 6 AEC, ordenou que fosse feito um censo na Judeia, porém uma série de judeus viu nisso um sacrilégio para com a religião judaica. Segundo a visão desses, somente o Deus de Israel poderia ordenar a feitura de um censo. Segundo Josefo, a compreensão de que esse ato não era do agrado do Deus de Israel surgiu de um fariseu chamado Zadoque, o qual teria incitado toda a rebelião popular. Esses judeus formaram uma seita liderada por um indivíduo conhecido como Judas, o Galileu. Essa seita ficou conhecida como *Quarta Filosofia* e entrou em conflito com os romanos, mas sem sucesso (Josefo, *Antiguidades*, 2013, XVIII: I; *Guerras dos Judeus*, 2013, II:VIII, 1).

Esses grupos revolucionários são descritos por Josefo de forma extremamente negativa. Ele os rotula como ladrões rebeldes. É significativo que, em *Guerras dos Judeus*, o historiador faça uma menção a Judas, o Galileu, mas sem maiores informações como fora em *Antiguidades*:

Enquanto ele estava no governo, houve um galileu chamado Judas que foi acusado de incitar os nativos à rebelião, fazendo-os saber da vergonha que sofriam ao pagar tributo aos romanos e de se submeterem a outro senhor, exceto Deus (*Guerras dos Judeus*, 2013, II:VIII, 1).

Josefo estava narrando o governo falho de Arquelau, sucessor de Herodes, o Grande, quando inseriu esse comentário. Na sequência, ele menciona as três seitas judaicas – fariseus, saduceus e essênios – e faz elogios em especial aos fariseus e essênios, o que quebra a sequência narrativa; ao que tudo indica, Josefo queria contrapor essas seitas à “quarta filosofia” (Mason, 2008, p. 83-85).

As *Guerras dos Judeus* têm um caráter apologético; Josefo pretende restaurar a imagem judaica que estava desgastada na Roma flaviana. Assim, a menção a essas seitas e os elogios

parecem ser uma forma de demonstrar uma *outra face das seitas judaicas*.<sup>29</sup> Após a destruição da cidade e a expulsão dos judeus, não foi só a cidade que ficara em pedaços, mas a imagem e a dignidade dos judeus também ficaram. Moedas romanas do período flaviano retratam os judeus como uma mulher franzina e indefesa. Usar a imagem dos fariseus, verdadeiros atores políticos em Josefo, faria bem para a restauração da imagem judaica.

**Imagem 11** – Moeda onde a Judeia é representada como uma mulher confusa ou um homem franzino, indefeso, em contraste com o romano alto e confiante.



**Fonte:** Mason (2016, p. 103).

Os últimos anos antes da Era Comum e os primeiros anos da Era Comum viram o florescimento de uma série de seitas com caráter revolucionário e isso aumentou gradativamente a tenção entre judeus e romanos levando a destruição de Jerusalém no ano 70 EC. A Palestina do primeiro século era uma bomba relógio prestes a explodir a qualquer momento. Os desatinos de seitas revolucionarias e as cruéis ações dos imperadores e governantes da Judeia foi gradativamente piorando a situação.

A ideologia das seitas, como sicários e zelotes, unidos à insatisfação do povo com os pesados impostos deu origem a uma revolta que duraria de 66 a 70 EC. Essa revolta foi determinante para o destino de Jerusalém e dos judeus.

Às vésperas da destruição de Jerusalém no ano 70 EC o fariseu Yohanan bem Zakai negociou com Vespasiano sua partida bem como a de seus discípulos. Era o início do judaísmo rabínico. Yohanan juntamente com outros fariseus foram para Yavne onde se estabeleceram e formaram uma comunidade.

## 6. Considerações Finais

É difícil definir o momento exato do surgimento dos fariseus por uma relativa ausência de fontes. Josefo geralmente é usado para tal empreitada, porém, como percebemos, seus textos não podem ser usados para indicar o momento histórico do surgimento dos fariseus. Um olhar panorâmico do período do Segundo Templo parece indicar que esse grupo começa se formar

<sup>29</sup> Recentemente argumentei em um artigo que os essênios de Josefo representam o judeu ideal, tal descrição tinha o objetivo de reparar a dignidade judaica entre os romanos. Por isso os essênios de Josefo são verdadeiros espartanos (Sant' Ana; Fridman, 2021, p. 80-82).

na época do governo ptolomeu, na Palestina, devido aos desenvolvimentos advindos da gestão dos ptolomeus.

No período ptolomeu os fariseus eram uma classe de estudiosos da Torá vindos das classes baixa e média ascendente. Isso fez com que eles tivessem muita influência sobre o povo comum, que não gostava da aristocracia. Esse quadro fez com que muitos governantes, em especial macabeus e asmoneus, buscassem algum apoio deles; alguns até foram fariseus, como no caso de Hircano I. Assim, esses estudiosos exerciam influência sobre as classes baixas e altas e muitas vezes foram o ponto de contato entre elas como na época de Herodes, O Grande. O nome “fariseu” possivelmente surge das diatribes com seus opositores da aristocracia, os quais possivelmente os consideravam separatistas por suas discordâncias e fidelidade à lei.

A geografia do corredor siro-palestino fez dele objeto de desejo dos grandes impérios: babilônico, persas, grego e romano. As diferentes políticas de dominação exerceram influências indelévels na religião judaica. As mudanças advindas com essas políticas estrangeiras foram de suma importância para o surgimento e desenvolvimento do farisaísmo. Os fariseus, como líderes da rale, precisaram lidar com essas mudanças, às vezes aderiam a elas e em outros momentos fizeram oposição. O caso de Herodes, o Grande, mostra que, em muitos casos, não havia unanimidade entre os fariseus. Alguns condenaram Herodes e outros o apoiaram – os últimos ficaram vivos.

## Referências

- ASLAN, R. **Zelota**: a vida e a época de Jesus de Nazaré. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- AUSUBEL, N. **Conhecimento judaico II**. Rio de Janeiro: Editora Santuário, 1989.
- BABOTA, V. In search of the origins of the Pharisees. In: SIEVERS, J; LEVINE, A. (Org.). **The Pharisees**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2021.
- BACKHOUSE, R. **The Kregel pictorial guide to the Temple**. Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 1996.
- BARTENURA, R. Bartenura on Pirkei Avot. **Sefaria**. Disponível em: <[https://www.sefaria.org/Bartenura\\_on\\_Pirkei\\_Avot.1.1.1?lang=bi&with=all&lang2=en](https://www.sefaria.org/Bartenura_on_Pirkei_Avot.1.1.1?lang=bi&with=all&lang2=en)> Acesso em 10 jan. 2023.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: 2002.
- BOLOTNIKOV, A. **Иисус — раввин**. 6 jul. 2017. Disponível em: <<https://boruh.info/khristianstvo/issledovaniya/906-iisus-rawin>> Acesso em: 15 set. 2019.
- BORGER, H. **Uma história do povo judeu**, v. 1: de Canaã à Espanha. São Paulo: Sêfer, 2003.
- BRIEND, J. **Israel y Judá**: en los textos del Próximo Oriente Antiguo. Estella, Navarra: Editorial Verbo Divino, 2006.
- BRIGHT, John. **História de Israel**. São Paulo: Paulus, 2019.

BROSH, M. The archaeology of Palestine 63 BCE–CE 70. In: HORBURY, W; DAVIES, A; STURDY, J. (Org.). The **Cambridge history of Judaism**: Volume 3: the early Roman period. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

BRUCE, F. F. **The Book of the Acts**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1988. (The New International Commentary on the New Testament).

BULL, K. M. **Panorama do Novo Testamento**: história, contexto e teologia. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2009.

DOUKNAN, B. J. **Segredos de Daniel**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

DOMINGUES, E. J. “Até tu, Brutus?” – o assassinato de Júlio César. 12 de jan. 2019. **Ensinar História**. Disponível em < <https://ensinarhistoria.com.br/ate-tu-brutus-o-assassinato-de-julio-cesar/>>. Acesso em: 18 jan. 2023.

DUNN, J. D. **A teologia do apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2003.

EVANS, G. Introduction: finding a context for Jesus. In: CHILTON, B; EVANS, G; NEUSNER, J. (Orgs.). **The missing Jesus**: rabbinic Judaism and the New Testament. Leiden: Brill Academic Publishers, 2002.

EYLER, F. M. **História antiga: Grécia e Roma**: a formação do Ocidente. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014.

FELDMAN, L. Josephus (37–100 EC). In: HORBURY, W; DAVIES, A; STURDY, J. (Orgs.). The **Cambridge history of Judaism**: volume 3: the early Roman period. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

FIENSY, D.; STRANGE, J. **Galilee in the late Second Temple and Mishnaic Periods, Volume 2**: the archaeological record from cities, towns, and villages. Mineápolis, MN: Fortress, 2015.

FISCHER, A. **O texto do Antigo Testamento**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

FLUSSER, D. **O judaísmo e as origens do cristianismo**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

FRIZZO, C. A. A província de Yehud. In: NAKANOSE, S; DIETRICH, L. (Org.). **Uma história de Israel**: leitura crítica da Bíblia e arqueologia. São Paulo: Paulus, 2022.

FUNARI, P. P. **Arqueologia**. 3 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2022.

GAFNI, I. **Herodes**: o homem e seu reino – um político realista ou um colaborador? Palestra realizada no 5th Congress on Biblical Archaeology da The Hebrew University Jerusalem e Moriah International Center, 2021. Jerusalém. Anais eletrônicos, disponíveis em:

<<https://aluno.moriacollege.com/23795-5-congresso-internacional-de-arqueologia-biblica>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

GERTOUX, G. **Queen Esther wife of Xerxes: chronological, historical and archaeological evidence**. Lulu.com, 2016.

GOLDENBERG, R. Hilel The Elder. In: FREEDMAN, D. N. (Org.). **The Anchor Bible dictionary**. Nova York: Doubleday, 1996.

GRIBBLE, F. **Fariseus**. In: TENNEY, M. (Org.). **Enciclopédia da Bíblia**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

GRABBE, L. Judaism, history of, part II: Second Temple times (586 B.C.E.-70 C.E.). In: NEUSNER, J; AVERY-PECK, A. (Orgs.). **Encyclopaedia of Judaism**. Nova York: Outstanding Reference Sources, 2000.

HERÓDOTO. **História**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

HESS, R. **Israelite religions: an archaeological and biblical survey**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2007.

HINSON, F. D. **History of Israel**. Londres: S.P.C.K., 1990. (SPCK International Study Guide, v. 7).

HOFFMEIER, J. **The archaeology of the Bible**. Jordan Hill: Lion Scholar, 2008.

JOSEFO, F. **Antigüedades de los judíos**. Barcelona: Editorial CLIE, 2013. (Colección Historia).

JOSEFO, F. **Las guerras de los Judíos**. Barcelona: Editorial CLIE, 2013. (Colección Historia).

JOSEFO, F. **Flavius Josephus e Benedikt Niese, "Flavii Iosephi opera recognovit Benedictvs Niese"**. Berolini: Apvd Weidmannos, 1888.

KAISER JR., W. **A history of Israel: from the bronze age through the Jewish Wars**. Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 1998.

KAMPEN, J. The Books of the Maccabees and sectarianism in Second Temple judaism. In: XERAVITS, G.; ZSENGELLÉR, J. (Orgs.). **The Books of the Maccabees: history, theology, ideology papers of the Second International Conference on the Deuterocanonical Books**, Papa, Hungary, 9-1, 1 June, 2005. Leiden: Brill, 2007.

LASOR, W. S; Hubbard, A. D; Bush, W. F. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2002.

LAWRENCE, P. **Atlas histórico e geográfico da Bíblia**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

LEONHARD, R. **Introdução aos livros apócrifos e pseudepígrafos do Antigo Testamento e aos manuscritos de Qumran**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1980. (Nova Coleção Bíblica, v, 11).

LONGENECKER, N. R. **Biblical exegesis in the apostolic period**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999.

MAIER, J. **Entre os dois Testamentos: história e religião na época do Segundo Templo**. São Paulo: Loyola, 2005.

MAGNESS, J. **The archaeology of the Holy Land: from the destruction of Solomon's Temple to the Muslim conquest**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

MARQUES, A. M. Uma breve história do helenismo. In: NAKANOSE, S; DIETRICH, L. (Orgs.). **Uma História de Israel: leitura crítica da Bíblia e arqueologia**. São Paulo: Paulus, 2022. MASON, S. **Flavius Josephus on the Pharisees: a composition-critical study**. Leiden: Brill, 1991.

MASON, S. Josephus's pharisees: the narratives. In: NEUSNER, J; CHILTON, B. (Org.). **In quest of the historical pharisees**. Texas: Baylor University Press, 2007.

MASON, S. **Flavius Josephus, translation and commentary**. Leiden: Brill, 2001.

MASON, S. **A history of the Jewish War, AD 66-74**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

MEYERS, E. Recent archaeology in Palestine: achievements and future goals. In: HORBURY, W; DAVIES, A; STURDY, J. (Org.). **The Cambridge history of Judaism: volume 3: the early Roman period**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

MIRANDA, E. E; MALCA, J. S. **Sábios fariseus**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MONTEFIORE, S. **Jerusalém: a biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MURPHY, F. Second Temple Judaism. In: NEUSNER, J; AVERY-PECK, A. (Org.). **The Blackwell companion to Judaism**. New Jersey: Blackwell, 2008.

NEUSNER, J. **The Babylonian Talmud: a translation and commentary**. Peabody, MA: Hendrickson, 2011.

NEUSNER, J. **The Jerusalem Talmud: a translation and commentary**. Peabody, MA: Hendrickson, 2010.

NEUSNER, J. **The three questions of formative Judaism: history, literature and religion**. Boston, MA: Brill Academic Publishers, 2002.

NEUSNER, J. **The Mishnah: a new translation**. New Haven, CO: Yale University Press, 1988.

NEUSNER, J. **The rabbinic traditions about the pharisees before 70: part i: the masters.** Leiden: Brill, 1971.

NEUSNER, J. **Dictionary of ancient rabbis: selections from the Jewish encyclopaedia.** Peabody, MA: Hendrickson, 2003.

NODET, E. **A search for the origins of Judaism: from Joshua to the Mishnah.** Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997.

PAGET, C. J. As origens da Septuaginta. In: TOV, E. **A tradição judaico-grega na antiguidade e o Império Bizantino.** Rio de Janeiro: BVbooks editora, 2019.

PEDROSA, S. D. Novas perspectivas dos exilados na Babilônia à luz dos tabletas de Al – Yahudu. In: CATENASSI, Z. F; MARIANNO, D. L. (Orgs.). **História de Israel: arqueologia e Bíblia.** São Paulo: Paulinas, 2022.

PEETZ, Melanie. **O Israel Bíblico: história, arqueologia e geografia.** São Paulo: Paulinas, 2022.

PLUTARCO. **Alexandre e César: vidas comparadas.** LeBooks, 2020.

PRICE, Randall; HOUSE, Wayne. **Manual de arqueologia bíblica Thomas Nelson.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2020.

RAJAK, T. O conhecimento de hebraico de Filo – o significado das etimologias. In: TOV, E. **A tradição judaico-grega na antiguidade e o Império Bizantino.** Rio de Janeiro: BVbooks editora, 2019.

REINKE, A. D. **Atlas bíblico ilustrado.** São Paulo: Hagnos, 2006.

REINKE, A. D. **Aqueles da Bíblia: história, fé e cultura do povo bíblico de Israel e sua atuação no plano divino** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

REINKE, A. D. **Os outros da Bíblia: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

RITMEYER, K. L. **The ritual of the temple in the time of Christ.** Jerusalém: Carta Jerusalém, 2002.

ROITMAN, A. **Del tabernáculo al templo: sobre el espacio sagrado em el judaísmo antiguo.** Narrava: Verbo Divino, 2016.

SALDARINI, A. J. **Pharisees, scribes and Sadducees in Palestinian society: a sociological approach.** Grand Rapids, MI: Dove Booksellers, 2001.

SANT'ANNA, H. **História da República Romana.** Petrópolis: Vozes, 2015.

SANT' ANA, T. C; FRIDMAN, L. O contexto panorâmico do Segundo Testamento. **Teologia em Revista**, v. 1, n. 2, dez. 2021. Disponível em: <<https://teologia.emnuvens.com.br/teologia/issue/view/2> >. Acesso em: 20 jan. 2023.

SATRAN, D. יוונות. In: COHEN, A; MENDES-FLOHR, P. (Orgs.). **20th century Jewish religious thought: original essays on critical concepts, movements, and beliefs**. Filadélfia, PA: Jewish Publication Society, 2009.

SELTZER, M. R. **Povo judeu, pensamento judaico I: a experiência judaica na história**. Rio de Janeiro: Editora Santuário, 1990.

SILVA, D. The Hellenistic period. In: ARNOLD, T.; HESS, R. (Org.). **Ancient Israel's history: an introduction to issues and sources**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2014.

SIVERTSEV, M. A. **Households, sects, and the origins of rabbinic Judaism**. Leiden: Brill, 2005. (Supplements to the Journal for the study of Judaism).

SCARDELAI, D. **Da religião bíblica ao judaísmo rabínico: origens da religião de Israel e seus desdobramentos na história do povo**. São Paulo: Paulus, 2008.

SCARDELAI, D. **O escriba Esdras e o judaísmo: um estudo sobre Esdras na tradição judaica**. São Paulo: Paulus, 2012.

SCOTT, J. J. **Origens judaicas do Novo Testamento: um estudo do judaísmo intertestamentário**. São Paulo: Shedd, 2017.

SCHAMA, S. **A história dos judeus: à procura das palavras de 1000 a.C. a 1492 d.C.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHAPER, J. The Pharisees. In: HORBURY, W; DAVIES, A; STURDY, J. (Org.). **The Cambridge history of Judaism: volume 3: the early Roman period**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

SOARES, E. **Septuaginta: guia histórico e literário**. São Paulo: Hagnos, 2009.

SCHÜRER, E. **Historia del pueblo judío en tiempos de Jesús. 175 a.C.—135 d.C.** Tomo I. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985.

SCHÜRER, E. **Historia del pueblo judío en tiempos de Jesús. 175 a.C.—135 d.C.** Tomo II. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985.

STEINSALTZ, A. **Talmud essencial**. São Paulo: Sêfer, 2019.

STEINSALTZ, A. **Figuras do Talmud**. São Paulo: Sêfer, 2020.

- STERN, K. **Writing on the wall: graffiti and the forgotten Jews of antiquity**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2018.
- STRANGE, J. Archaeology and the Pharisees. In: NEUSNER, J; CHILTON, D. (Org.). **In quest of the historical Pharisees**. Baylor, TX: Baylor University Press, 2007.
- SKARSAUNE, O. **À sombra do templo**. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- SUETÔNIO. **Vida dos doze Césares**. S/l: LeBooks, 2019.
- TÁCITO, C. **The complete works of Tacitus**. S/l: Delphi Classics, 2014.
- TILLY, M. **Assim viviam os contemporâneos de Jesus: cotidiano e religiosidade no judaísmo antigo**. São Paulo: Loyola, 2014.
- VERMES, G. **Quem é quem na época de Jesus**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- VISOTZKI, B. **Aphrodite and the rabbis: how the Jews adapted Roman culture to create Judaism as we know it**. Nova York: St. Martin's Press, 2016.
- WALTON, John; MATTHEWS, Victor; CHAVALAS, Mark. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- WAY, R. J. Hilel. In: BROMILEY, G. W. (Org.). **The International standard Bible encyclopedia, revised**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2002.
- WEISS, H. Fariseus. In: KITTEL, G; FRIEDRICH, G. (Org.). **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2023.
- WRIGHT, N. **Novas Perspectivas sobre Paulo**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- XERAVITS, G.; ZSENGELLÉR, J. (Org.). **The Books of the Maccabees: history, theology, ideology papers of the Second International Conference on the Deuterocanonical Books, Papa, Hungary, 9-1, 1 June, 2005**. Leiden: Brill, 2007.
- YATTAH, E. **Neviim y Rishonim: ideas, disputas y trastienda de los textos bíblica**. 2021. Notas de sala de aula.
- YINGER, K. **The Pharisees: their history, character, and New Testament portrait**. Eugene, OR: Cascade Books, 2022.
- YOUNG, H. B. **Meet the rabbis: rabbinic thought and the teachings of Jesus**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2010.